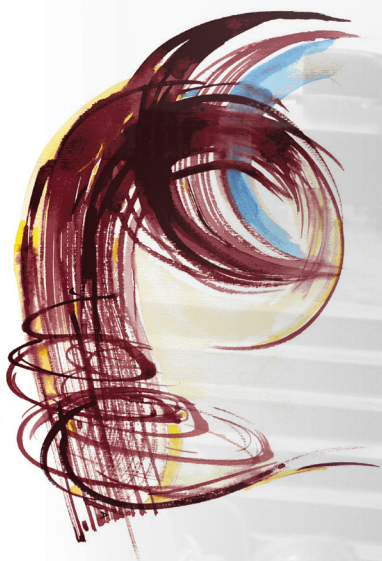




e s c o l a s u p e r i o r d e
e n f e r m a g e m
d e c o i m b r a

PLANO ESTRATÉGICO 2009-2013

DESENHAR O FUTURO COM TODOS

[Documento de trabalho interno]

Índice

02	Nota prévia
03	Caracterização da Escola e do ambiente em que está inserida a sua actividade
13	Comissão de Elaboração do Plano Estratégico
14	Intervenientes
16	Estudo Estratégico [Metodologia, Análise Externa e Análise swot]
21	Agentes Implicados (Stakeholders)
23	Plano Estratégico da ESEnfC [Missão e Valores]
24	Plano Estratégico da ESEnfC [Eixos Estratégicos]
36	Implementação

Nota prévia

O documento que a seguir se apresenta pretende ser um documento de trabalho interno para ser utilizado pela comunidade educativa e dá conta do trabalho desenvolvido para a elaboração do Plano Estratégico 2009-2013: Desenhar o Futuro com Todos, da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Estamos convictos da importância da direcção estratégica para as organizações. Num contexto de permanentes mudanças políticas, sociais, económicas e, particularmente, de mudanças no ensino superior, sabemos que “não haverá nenhum vento favorável se não soubermos para onde queremos ir” (Séneca). Foi cientes desta importância que, em conjunto, quisemos desenhar este plano estratégico para a nossa escola. Partimos com a confiança no valor do plano estratégico como “preditor de futuro”. No processo de elaboração do plano tivemos já oportunidade de constatar a necessidade de prever o futuro (analizando tendências e evoluções e os seus possíveis impactos), a questionar muitos aspectos da nossa organização habitualmente intocáveis, o que aumentou a nossa predisposição para a mudança, o que envolveu as pessoas e comprometeu os responsáveis pelos diferentes eixos e acções estratégicas, o que facilitou a comunicação e a reflexão sobre a nossa instituição. Estamos hoje mais conscientes de quem somos, de onde estamos, sabemos para onde queremos ir, tendo em conjunto desenhado o/um caminho para lá chegar.

O trabalho de construção do Plano Estratégico foi uma experiência singular realizada com Estudantes; Docentes; Não Docentes; Dirigentes dos diferentes Órgãos da Escola e da Associação de Estudantes, e com individualidades externas, que, com a sua contribuição, muito o enriqueceram. Contámos com a assessoria do Professor Joan Cortadellas, da Cátedra UNESCO da Universidade Politécnica da Catalunha, que nos desafiou permanentemente a assumir o papel daqueles “que vêem as coisas como nunca foram e se perguntam porque não” (Bernarde Shaw). É de justiça reconhecer e agradecer a disponibilidade e o excelente trabalho por todos desenvolvido.

O próximo passo para a concretização do futuro que desenhámos é a implementação do plano. Este documento de trabalho tem como finalidades: continuar a divulgar o plano estratégico à comunidade educativa, servir de guia orientador da acção individual e colectiva, garantir a possibilidade de participação de todos no acompanhamento e monitorização dos resultados.

Em conjunto inventámos o futuro da ESEnC. Agora, todos somos igualmente necessários para o construir. Deitemos mãos à obra!

Muito Obrigada e Bom Trabalho

Maria da Conceição Bento

Caracterização da Escola e do ambiente em que está inserida a sua actividade

A ESEnC resulta da fusão da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca e da Escola Superior de Enfermagem de Bissaya Barreto conforme Artigo 4º do Decreto-Lei nº 175/2004 de 21 de Julho (DR nº 170 - I Série A).

A Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca (ESEAF) foi fundada em 1881. Inicialmente denominada “Escola dos Enfermeiros de Coimbra”, de cariz particular, entrou em funcionamento a 17 de Outubro desse ano com o principal objectivo de formar pessoal de Enfermagem para prestar serviço naqueles hospitais. A Escola Superior de Enfermagem de Bissaya Barreto (ESEBB) foi criada em 1971, como serviço oficial do Ministério da Saúde e Assistência dotado de autonomia técnica e administrativa, para funcionar junto ao Centro Hospitalar de Coimbra cujas necessidades de pessoal de enfermagem lhe competia satisfazer.

O processo de fusão das Escolas teve origem após a publicação do Decreto-Lei nº 99 de 2001, que criava os Institutos Politécnicos de Saúde, modelo organizativo que não obteve a concordância da generalidade dos docentes, tendo estes iniciado um movimento, com vista à fusão das escolas em Coimbra, Lisboa e Porto, defendia-se que a fusão das escolas era a forma mais adequada para a potencialização da massa crítica indispensável ao desenvolvimento científico da enfermagem.

Assim, em 2002, foi assinado um Protocolo de Cooperação com vista à fusão entre a ESEBB e a ESEAF, e, posteriormente, foi criada uma Comissão de Coordenação da Fusão que iniciou funções a 27 de Outubro de 2004.

Consciente da complexidade do processo de fusão de duas grandes escolas, com culturas organizacionais fortes, esta Comissão propôs-se desde o início envolver toda a comunidade escolar nas diferentes iniciativas, organizando diversos grupos de trabalho, dinamizando a participação dos diversos corpos de ambas as



Escolas através de debates programados de modo a elaborar uma proposta de Missão, Visão e formas de Organização da Nova Escola, bem como o Projecto de Estatutos da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra de forma amplamente participada.

O Projecto dos primeiros Estatutos da ESEnC foi aprovado a 22/12/2005 pela Comissão Estatutária eleita para o efeito.

Os Estatutos da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra foram homologados pelo Despacho Normativo nº 20/2006 de 17 de Março cuja publicação consta no Diário da República nº 55 - I Série B.

Em Maio de 2008, por força da alteração do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, a ESEnC elaborou nova proposta de estatutos, publicados em Diário da República (nº 185, de 24 de Setembro de 2008), através do despacho normativo nº 50/2008. A ESEnC é dotada de autonomia científica, pedagógica, administrativa, financeira e patrimonial, sem constrangimentos políticos, sociais ou religiosos e é, desde 14 de Agosto de 2006, a maior Escola de Enfermagem em Portugal.

A organização interna da ESEnC, em vigor na elaboração do Plano Estratégico, tinha os seguintes órgãos de gestão: a assembleia de escola, conselho directivo, conselho científico, conselho pedagógico, conselho para a qualidade e avaliação e, ainda, o conselho administrativo e conselho consultivo. Actualmente são órgãos de governo da Escola o Conselho Geral, a Presidente e o Conselho de Gestão. A Escola conta ainda com outros órgãos de natureza não governativa, o Conselho Técnico-Científica, Conselho Pedagógico, Conselho para a Qualidade e Avaliação e Provedor do Estudante. Contribuem ainda para a concretização da coordenação operacional, científica, pedagógica e de investigação e para a concretização das diferentes áreas de missão as Unidades Científico-Pedagógicas onde estão incluídos todos os docentes.

A ESEnC conta ainda com um Gabinete de Relações Nacionais e Internacionais, com a Unidade de Investigação, Unidade de Prestação de serviços à comunidade e coordenação das actividades de extensão na comunidade, o serviço de acção social, o serviço de apoio aos novos graduados, bem como diversas estruturas de apoio e serviços.

PESSOAS

DOCENTES

Da carreira docente do ensino superior politécnico, de acordo com o Decreto-lei nº 185/81 de 1 de Julho fazem parte as categorias de assistente, professor adjunto e professor coordenador. A ESEnC conta actualmente com 110 docentes do quadro, em regime de nomeação definitiva, assim distribuídos: 37 com a categoria de professor coordenador, 62 professores adjuntos, 11 assistentes. Para além destes leccionam na escola a tempo integral oito enfermeiros convidados e outros 136 docentes em tempo parcial, totalizando os convidados 34,11 Equivalente a Tempo Integral (ETI), enquanto os docentes em tempo integral correspondem a 118 ETI.

De acordo com o recente Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março mais de 50% do corpo docente das instituições de ensino politécnico deve estar, para poder ministrar cursos conferentes do grau de licenciatura, habilitado com o grau de doutor ou a categoria de especialista, reconhecida a quem for detentor do grau de doutor, ou tiver sido sujeito a provas públicas. Nos últimos anos a ESEnC apoiou a formação de docentes através de candidaturas a apoios existentes, nomeadamente PRODEP, comparticipação económica no pagamento das propinas, e flexibilização de tempo lectivo aos doutorandos de 50%. Assim, num total de 110 docentes, 101 docentes possuem o grau académico de mestre e foi possível aumentar de 11 para 31 doutores, de 2004 ao início 2008. Apesar deste aumento, encontram-se ainda a desenvolver processos doutorais 45 docentes, 22 dos quais em Enfermagem. O investimento na qualificação do corpo docente permitirá à Escola cumprir brevemente os requisitos previstos na Lei nº62/2007 de 10 de Setembro, dado que dispõe actualmente de 49 doutores e ou especialistas e em Dezembro de 2009 prevê dispor de 59 professores com as referidas qualificações.

A ESEnC conta ainda no seu quadro com 46 docentes com formação pós-graduada na área da pedagogia.

FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS E DE SERVIÇOS

A ESEnC conta com 91 funcionários não docentes, apresentando variadas qualificações e funções: 14 são técnicos superiores, 44 são assistentes técnicos e 33 são assistentes operacionais.

ESTUDANTES

No corrente ano lectivo frequentam a escola 1760 alunos. Destes, 1380 frequentam a licenciatura em Enfermagem e 380 os Cursos de pós-licenciatura de especialidade (Enfermagem de Reabilitação; Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia; Enfermagem Médico-Cirúrgica; Enfermagem Comunitária; Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria e Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria). O número de alunos a frequentar a escola tem-se mantido relativamente estável, de acordo com os cursos oferecidos.

INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS HUMANOS

A ESEnC conta para o desenvolvimento das suas áreas de missão e serviços com dois edifícios: Pólo A, situado na Av. Bissaya Barreto, desde 14 de Fevereiro de 1978, e Pólo B, situado na Rua 5 de Outubro, S. Martinho do Bispo, desde 1991, e com um processo de remodelação e ampliação recentemente concluído.

Nos últimos anos foram levadas a cabo obras de melhoramento nos espaços de apoio ao trabalho docente (gabinetes, salas de reunião) e de ensino aprendizagem (laboratórios e biblioteca), dos serviços académicos (maior espaço e acessibilidade) e dos estudantes através de mais espaços para trabalho de grupo e nova sede da associação de estudantes.

A construção e equipamento de laboratórios de aprendizagem clínica tem sido um objectivo perseguido pela ESEnC, dada a sua importância no processo de ensino/aprendizagem. Assim, contamos hoje com 20 espaços adequadamente equipados com as mais recentes tecnologias de simulação em áreas genéricas de enfermagem e específicas: técnicas instrumentais básicas, obstetrícia, reabilitação, pediatria, cuidados intensivos. Concluíram-se no início de 2009 as obras de remodelação de toda a área de laboratórios, que foram objecto de financiamento do QREN.

A existência de dois pólos e a distância entre eles faz com que as tecnologias de informação e comunicação assumam uma importância excepcional na organização e funcionamento da escola, tornando as intervenções a este nível prioritárias e determinantes. Assim, existe uma interligação de fibra óptica entre o edifício escolar designado por Pólo A e o edifício da residência. A interligação entre os dois edifícios escolares baseia-se num circuito dedicado com um débito de 4Mb. Esta interligação suporta todas as comunicações de dados e voz internas à instituição. Serve de suporte a 433 postos de trabalho, distribuídos da seguinte forma: 143 destinados a docentes, 113 destinados a não docentes e 189 destinados a estudantes, a 21 servidores de dados, de serviços e de segurança e a uma central telefónica Alcatel OmniPCX com capacidade VOIP.

A ESEnC possui aplicações específicas de gestão, a saber, GIAF – Sistema Integrado de Informação (assistido pela empresa Indra Sistemas Portugal) que apoia as áreas da Contabilidade e Tesouraria, Recursos Humanos e Aprovisionamento, SOPHIA – Sistema Integrado de Gestão Escolar (assistido pela empresa Conhecer Mais TI) que apoia as áreas dos Serviços Académicos e da Contabilidade e Tesouraria (em parceria com o GIAF), SAPE – módulos Centros de Saúde e Hospitalar (assistido pela ACSS – Administração Central do Sistema de Saúde), AGE – Aplicação para Gestão de Expediente (aplicação proprietária), Pasta Académica – Aplicação para gestão de conteúdos pedagógicos (aplicação proprietária), Gestor de conteúdos – Gestor para os módulos que compõem o portal institucional (aplicação proprietária) e uma aplicação Web para gestão de reservas da residência (aplicação proprietária). O licenciamento de software é garantido através de licenciamento individual, no caso das aplicações mais específicas (GIAF, SOPHIA, Norton Antivírus Corporate Edition, NVivo, ...), e de licenciamento de CAMPUS, no caso das aplicações mais genéricas (Microsoft e SPSS). As aplicações proprietárias, por serem desenvolvidas na ESEnC, não carecem de licenciamento.

A ligação à Internet é assegurada pela Fundação para a Computação Científica Nacional (FCCN) através da Rede Ciência Tecnologia e Sociedade 2 (RCTS2) usando dois pontos de ligação, um em cada edifício escolar, com um débito de 2048kbps no Pólo B e 4096kbps no Pólo A.

SERVIÇOS DE APOIO AOS ESTUDANTES

A ESEnC destaca-se positivamente, entre outras coisas, pela elevada preocupação em relação ao sucesso dos seus estudantes.

Pode dizer-se que o êxito dos estudantes de qualquer instituição de ensino é um ponto representativo da qualidade do ensino, concretamente da sua



eficiência científico-pedagógica. Um outro aspecto fundamental e indissociável do anterior, na formação dos estudantes, é o seu desenvolvimento social e pessoal.

Na ESEnC os estudantes usufruem de um conjunto de serviços e projectos de apoio, que em muito se devem ao esforço de alguns estudantes mais ligados ao movimento associativo, mas que em muito também se devem, à política de abertura com que são acolhidos e/ou promovidos pela própria direcção da ESEnC e seus órgãos.

A Associação de Estudantes da ESEnC é um dos serviços com maior importância para os estudantes e cuja gestão é assumida autonomamente por eleição de uma nova lista anualmente. Na organização interna desta associação sublinha-se o Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE) e o Núcleo de Formação e Cultura (NFC).

A ESEnC conta com um edifício junto ao edifício escolar designado por pólo A para residência dos seus estudantes. Dispõe de 210 camas, divididas por 104 quartos, com três ou duas camas. Tem ainda um refeitório e uma cafetaria em cada pólo. Distribuídas pelos dois pólos estão disponíveis 12 salas de estudo de segunda a sexta-feira entre as 8 e as 21 horas e aos sábados entre as 8 e as 16 horas. Os estudantes podem ainda contar com infra-estruturas desportivas: um ginásio e campo de jogos ao ar livre.

A ESEnC disponibiliza vários serviços de grande importância para os estudantes, entre os quais: apoio social; serviço de saúde e apoio escolar; serviços académicos, tesouraria e serviços administrativos (nos quais se destaca a figura da funcionária de referência que acompanha o aluno ao longo de todo o curso); biblioteca; audiovisuais e informática (com um mail a funcionar intranet para todos os estudantes e uma página da escola actualizada diariamente com informações úteis aos utilizadores); reprografia, aprovisionamento e gabinete de apoio aos jovens licenciados.

Ao nível dos Serviços de Acção Social e saúde escolar estão disponíveis técnicos superiores de serviço social, médicas e enfermeiras em espaços próprios nos dois pólos e apoio na área da psicologia e psiquiatria através de protocolo com o Serviço de Psiquiatria dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

A Associação de Estudantes, com estatutos publicados em Diário da República, tem ainda ao seu dispor duas áreas, uma em cada pólo, para desenvolver as suas actividades com bares de exploração própria, no edifício da residência e na sede da associação.

INTERNACIONALIZAÇÃO

A internacionalização da ESEnC passa por incrementar e consolidar parcerias e projectos com instituições de saúde, de educação e outras, afirmando a escola e o ensino de enfermagem nesses contextos. Considera-se muito importante o contacto com experiências de outros países, estimulando-se a curiosidade e apetência dos estudantes para a realização de pelo menos um período de formação em contextos académicos e de saúde de países estrangeiros. Nesse sentido tem-se verificado um aumento do número de estudantes (55,5%) e docentes (46 em 2007/08) em mobilidade e o alargamento das instituições envolvidas.

A escola participa no programa Sócrates/Erasmus, Leonardo da Vinci, no Projecto IP e Módulo Europeu, estando prevista a mobilidade para o presente ano lectivo de cerca de 86 docentes e alunos. A escola apoia anualmente a mobilização através de bolsas de mobilidade, para além das financiadas pelo programa Erasmus.

A ESEnC mantém vários protocolos com instituições estrangeiras para a mobilidade de estudantes e docentes, colaboração lectiva e parcerias no desenvolvimento da investigação. Mais recentemente adoptou como uma das linhas de desenvolvimento prioritário a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, tendo assinado protocolos com Angola, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Brasil.

Em 2008/2009 colaborou na abertura de um Curso de Licenciatura em Enfermagem e Complemento de Formação para Enfermeiros, na Universidade de Cabo Verde, através da mobilidade de docentes que asseguram a implementação do Plano de Estudos que foi concebido pela ESEnC. Colabora ainda na coordenação dos cursos.

A escola promove encontros internacionais no âmbito da Unidade de Investigação.

A nível nacional a escola está integrada no programa de mobilidade Vasco da Gama.

LIGAÇÃO COM A COMUNIDADE

A presença da escola ao nível da comunidade faz-se através da prestação de serviços de formação, saúde e/ou investigação e projectos de intervenção na comunidade, escolas e instituições de saúde, instituições de solidariedade social, instituições ligadas ao governo local, etc. A ESEnC faz ainda parte do Conselho Coordenador dos Institutos Politécnicos (CCISP), onde a presidente da Escola representa as escolas de enfermagem não integradas e do Fórum Ensino de Enfermagem, fazendo a presidente parte da Comissão Permanente do mesmo. É membro de pleno direito da Associação das Universidades de Língua Portuguesa a par de outras instituições congéneres. É sócia da Associação de Saúde em Português e da Associação de Profissionais de Saúde de Cuidados de Saúde Primários dos Países de Língua Portuguesa. Ao nível mais regional pertence à Agência de Desenvolvimento Regional – Coimbra Vita. Paralelamente a ESEnC desenvolve uma intensa actividade alicerçada em protocolos existentes com as mais diversas instituições de saúde, ensino, associações profissionais, de doentes e familiares, além das instituições internacionais.

FINANCIAMENTO

A problemática da procura de novas fontes de financiamento surge como área prioritária, dado que a principal fonte continua a ser o orçamento geral do estado. No último ano assistimos à diminuição do valor real de financiamento. Apesar das previsões de aumento das receitas próprias em 2009 de 1,81% (excluindo o financiamento QREN), o facto da transferência do orçamento geral do estado ser igual a 2008 e de haver um aumento no valor dos vencimentos e das cativações previstas na lei do orçamento, traduzir-se-á numa diminuição real das verbas disponíveis para funcionamento e/ou investimento em 10,0%. No futuro a continuação da introdução de critérios de qualidade, indicadores de procura e eficiência de gestão, número de alunos e cursos em funcionamento para a atribuição de verbas do orçamento, pressionarão as instituições a competir entre si e a sentir a necessidade de garantir o financiamento, produzindo cada vez mais receitas próprias, através da optimização e diversificação de serviços. Essa será também uma necessidade da ESEnC e implica uma antecipação estratégica.

No ano de 2009 o orçamento próprio da escola representará 27,32% (inclui financiamento QREN), o que pensamos, apesar de tudo, ser bastante significativo, numa escola de enfermagem e tendo em conta o panorama nacional.

Em 2007 o orçamento inicial transferido de OE foi de 7.987.816,00€. Pela aplicação da fórmula de financiamento em 2007 o orçamento de OE seria de 8.812.597,00€ tendo sido, pela aplicação do factor de coesão, reduzido para o valor anteriormente referido. Em 2008 a transferência inicial do OE foi de 8.050.232,00€ e correspondeu a um aumento de 0,78%. Em 2009 a transferência de OE é de 8.050.232,00€ que corresponde ao mesmo valor de 2008. Temos assistido assim, a uma diminuição real do financiamento de OE que tem sido apenas parcialmente compensado com um progressivo aumento de receitas próprias.

QUALIDADE

A qualidade desempenha um papel fulcral no sistema de ensino da ESEnC: qualidade ao nível das principais funções que cabem à Escola; qualidade ao nível dos recursos tecnológicos, dos espaços educativos e infra-estruturas; qualidade ao nível da organização e gestão institucionais e das relações inter-institucionais; qualidade ao nível do ambiente humano e do trabalho.

A Escola conta com o Conselho para a Qualidade e Avaliação (CQA). Este Conselho foi criado pela primeira vez pelos primeiros Estatutos da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, tendo sido, à data, uma estrutura inovadora, ao nível dos Órgãos de Gestão das instituições do Ensino Superior Politécnico em Portugal. Assume-se como vector estratégico na consolidação do prestígio da Escola e tem como missão promover a Qualidade na ESEnC, tornando-a marca de excelência e factor distintivo, com enfoque na satisfação dos clientes e na melhoria contínua dos processos e serviços. Compete-lhe conduzir os processos de recolha, tratamento e organização da informação.

Na definição da Política da Qualidade da ESEnC, sublinha-se a necessidade de manter uma ligação estreita com sistemas de avaliação sistemática e de regulação, sustentada numa cultura de avaliação, de auto-regulação e de autonomia e responsabilidade. A sua implementação envolve a Presidência,



Conselho de Gestão, Conselho Técnico-científico e Pedagógico da Escola, os docentes, os estudantes, os funcionários, os diplomados, as entidades empregadoras e o CQA.

As escolas desempenham na sociedade uma tarefa cuja avaliação não deve ser produzida ao simples cálculo de aprovações e reprovações. Também indicadores como o número de professores, mestres e doutores apontam no sentido da melhoria da qualidade, mas devem associar-se sistemas de avaliação dos cursos, dos programas, os intercâmbios culturais, a participação dos docentes na dinâmica das Escolas e até a dinâmica de implementação do Processo de Bolonha.

O Conselho para a Qualidade e Avaliação assume o processo de avaliação com a convicção de que uma avaliação séria e independente contribui para a auto-reflexão e mobilização para a mudança no caminho da melhoria contínua, sendo por isso um dos determinantes para a estruturação do futuro da Escola.

EMPREGABILIDADE

O estudo da empregabilidade tem demonstrado uma taxa de 100% até há cerca de dois anos, altura em que, apesar das carências de enfermeiros, unanimemente reconhecidas, os processos de admissão nas instituições públicas, principais empregadoras, conheceram dificuldades orçamentais, por via da diminuição do financiamento às instituições públicas de saúde. Os últimos dados recolhidos pela CQA apontam para uma taxa de emprego sobreponível à realidade nacional, mas iniciando-se uma procura assídua do mercado de trabalho internacional, com principal incidência na Irlanda, Estados Unidos da América e Suíça.

Atenta a este novo fenómeno, e em concordância com a sugestão apresentada pelos estudantes no âmbito da auto-avaliação, a ESEnC criou o gabinete de apoio aos novos licenciados, onde, com a colaboração de docentes, se presta auxílio aos recém-formados na procura e definição de estratégias para o emprego.

Dos estudantes que terminaram a sua graduação em Julho de 2006, 82,6% consideram-se satisfeito/muito satisfeito com o curso. As capacidades consideradas mais desenvolvidas pelos diplomados foram: “Competências relacionais”, “Capacidade de individualização dos cuidados”, “Consciência ética”, “Empenho nas funções”, “Sentido de responsabilidade” e “Capacidade de auto-avaliação”.

Na auscultação realizada junto das entidades empregadoras, mais de 70% são de opinião de que todas as capacidades dos diplomados se situam no nível Bom/Muito Bom/Excelente, excepto no que respeita à “Capacidade de iniciativa” e à “Capacidade de tomar decisões”, essa percentagem situa-se pelos 50,0%. Estes dados vêm ao encontro da percepção que é expressa nas diversas reuniões realizadas ao longo do ano lectivo para o planeamento, preparação dos ensinos clínicos e articulação institucional, o que fez com que a ESEnC esteja a levar a cabo projectos com vista ao desenvolvimento de competências de empreendedorismo e liderança.

IDENTIFICAÇÃO E TIPIFICAÇÃO DOS SERVIÇOS QUE PRESTA

As actividades académicas da ESEnC dividem-se por cursos de graduação, pós-graduação e pós-licenciaturas de especialidade, estão para aprovação no MCTES sete cursos de mestrado nas áreas de especialidade de enfermagem e gestão em saúde: domínio de Enfermagem.

Temos equacionado a possibilidade de alargar as pós-graduações ou cursos de formação avançada, já abertas noutros anos, a outras áreas: Enfermagem de Família, Enfermagem Oncológica; Liderança e Empreendedorismo em Saúde; Cuidados Continuados. A necessidade de dar prioridade à formação dos docentes e o elevado volume de trabalho dos docentes envolvidos em projectos de investigação ou extensão não tem permitido a concretização da definição política de diversificação da oferta formativa, que é essencial para continuar a garantir a procura. A abertura de um curso de 3º ciclo em Enfermagem, em parceria, é também estratégica para a Escola.

CURSOS DE GRADUAÇÃO

A oferta da licenciatura em Enfermagem tem sido uma preocupação e aposta da Escola dada a necessidade de continuar a formar enfermeiros em Portugal, que se distinguem pela qualidade e diversidade das competências que detêm e que a formação inicial tem que garantir, por exemplo: competências profissionais de concepção para fazer frente à incerteza, a necessidade de preparar para a mobilidade no mercado de emprego, empreendedorismo, de utilização cada vez mais eficaz das tecnologias de informação e comunicação no processo de trabalho, autoformação e investigação ... para que possamos competir pela procura no espaço europeu de ensino superior e para que os diplomados possam ser preferidos nos diferentes países da EU. Assim, nos últimos anos o número de admissões atingiu um patamar máximo de 320 vagas por ano lectivo.

O número de candidatos na primeira fase tem sido claramente superior ao número de vagas, tendo aumentado no último ano, (2675 candidatos na 1ª fase de colocações em 2008/2009). A nota do último colocado na 1ª fase foi de 157,4. A taxa de ocupação de vagas pelo concurso nacional de acesso manteve-se em 100%.

Os alunos de graduação são maioritariamente (80,1%) constituídos por jovens do género feminino, o que corresponde de forma genérica ao perfil da profissão em Portugal.

Quanto à origem dos estudantes, e apesar de se manter como requisito uma preferência regional, a Escola é atractiva para jovens de todo o país e para alguns da Comunidade de Países de Língua Portuguesa: nos últimos dois anos foi frequentada por 23 estudantes oriundos dessas latitudes.

O curso de licenciatura de enfermagem tem uma taxa de sucesso elevada, tendo sido no último ano lectivo de 89,8%. Ao sucesso académico alcançado não são alheios os rácios de alunos/ETI docente de 9,79 no ano lectivo de 2007/2008 e uma preocupação constante na melhoria e adequação do processo de ensino/aprendizagem. Também o rácio de alunos/não docentes de 16,37, nos parece interessante, tendo a Escola em 2007 adoptado a figura de funcionário de referência (gestor do estudante), responsável pelo acompanhamento do estudante ao longo da sua formação e centralizando todos os processos académicos administrativos que o estudante tem que realizar. A optimização deste novo modelo de gestão académica, centrado no aluno, exige no entanto o aumento do número de funcionários nos serviços académicos.

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ESPECIALIDADE

Os cursos de Pós-licenciatura de especialização reconhecidos pela Ordem dos Enfermeiros para acesso à categoria de Enfermeiro Especialista (Enfermagem de Reabilitação; Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia; Enfermagem Médico-Cirúrgica; Enfermagem Comunitária; Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria e Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria) estão todos a ser leccionados na Escola. A ESEnC é a única escola que lecciona todos os cursos de Pós-licenciatura de especialização em Enfermagem, é também a que reúne as melhores condições de qualificação do corpo docente nas dife-



rentes áreas e de condições laboratoriais exigíveis. A ESEnC aguarda o parecer da Direcção Geral do Ensino Superior para a sua adequação a Bolonha ao nível do plano de estudos do 2º ciclo (mestrado), destes cursos.

OUTROS CURSOS

A ESEnC tem desenvolvido nos últimos anos, no âmbito da formação ao longo da vida, diversos cursos de curta duração nas mais diversas áreas de enfermagem. Ao nível de pós-graduações destacam-se a de Urgências/Emergências; Pedagogia; Administração e Gestão em Saúde; Enfermagem Oncológica e Enfermagem de Família. Desenvolve ainda, em parceria com a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, a pós-graduação em Economia e Gestão em Organizações de Saúde.

INVESTIGAÇÃO

A aposta da ESEnC no desenvolvimento da investigação científica e sua difusão, na inovação e desenvolvimento leva-a a inscrever como unidade diferenciada da Escola a Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: domínio de Enfermagem, acreditada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

A unidade possui um Conselho Científico, composto pelos 28 investigadores doutorados, que elege um coordenador e uma comissão científica. Fazem ainda parte dos órgãos da unidade a Comissão Administrativa e a Comissão Externa Permanente de Aconselhamento Científico.

Em 2009 conta com um universo de 112 investigadores, entre investigadores permanentes e temporários, 28 dos quais doutorados. Do ponto de vista científico, organiza-se em torno de três linhas: Health Professionals Development and Health Education; Well being, health and illness and Systems and Health Organizations. Dos diferentes projectos de investigação que tem em curso, encontra-se a aguardar a decisão da FCT sobre os nove projectos de investigação que candidatou a financiamento em 2009. A unidade promove iniciativas de divulgação do conhecimento produzido através de livros, artigos e comunicações em eventos científicos nacionais e internacionais. A produtividade científica tem vindo a aumentar, nos últimos anos de forma relevante. No último quadriénio aumentou o número de investigadores, a sua qualificação e os outcomes científicos, o que se traduziu na última avaliação realizada por peritos internacionais pela classificação de Good.

O financiamento aos projectos tem sido um problema sistemático, dado que os critérios para a sua atribuição são pouco sensíveis às características da investigação na área da enfermagem, que se enquadram nas das ciências sociais e humanas, apesar disso encontra-se em curso um projecto financiado pela Ordem dos Enfermeiros, após concurso, “Estudo das necessidades de Cuidados de Enfermagem da População residente em Portugal” em parceria com a Universidade de Évora - Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias da Saúde, a Escola Superior de Enfermagem de Lisboa – Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Enfermagem e a Escola Superior de Enfermagem de Santarém.

Ao nível internacional a unidade tem alguns projectos em colaboração com Instituições Europeias, da América Latina e América do Sul, sendo esta uma aposta de futuro para o desenvolvimento e consolidação internacional da unidade. Destes, destacamos os projectos: Comportamentos de Risco e Factores de Risco na Vida Nocturna Recreacional (IREFREA); Pain in Children; European Violence in Psychiatry Research Group (EVPRG); Las Casas; Comparative Study about the role and importance of the nursing schools; Hospital Virtual.

Por outro lado, vários professores da ESEnC gozam de elevado reconhecimento académico e científico, sendo referees de várias revistas. Outros fazem parte de órgãos sociais de associações e sociedades científicas de relevo nacional e internacional.

A unidade de investigação é financiada pela FCT e pela instituição acolhedora. Estão definidos critérios de financiamento a missões de divulgação científica, nacionais e internacionais, que se têm revelado incentivadoras do aumento da divulgação da produtividade científica.

CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE EM QUE SE INSERE A ACTIVIDADE DA ESCOLA

Os factores externos que se constituem hoje como influências ao desenvolvimento da ESEnC radicam principalmente:

- Na necessidade de Portugal, desenvolver capital humano, continuando a contribuir para fazer da Europa “a economia do conhecimento mais competitiva e mais dinâmica do mundo, capaz de um crescimento económico duradouro acompanhado da uma melhoria quantitativa e qualitativa do emprego e de maior coesão social”, entre outros aspectos: aumentando os seus indicadores relativos à percentagem de população com educação superior (as metas propostas pela OCDE para 2010 são de que Portugal atinja os 15% de licenciados, o actual indicador situa-se nos 11%)¹; passando o indicador da população que completa o ensino secundário de 45% para 65%, no mesmo período; garantindo que a formação ao longo da vida, com vista a recuperar os défices científicos e tecnológicos, passa de 4,8% para 12,5%, em 2010³;
- No rápido desenvolvimento científico e tecnológico, nas rápidas mudanças socioeconómicas, socioculturais, sociopolíticas, ambientais e demográficas que determinam a emergência de novos problemas de saúde, marcados pela complexidade, pela incerteza e pela imprevisibilidade que levam a que exista “a convicção cada vez mais generalizada, que à sociedade é cada vez mais essencial a existência de uma profissão de enfermagem capaz de contribuir para a resolução dos problemas das pessoas, em cenários que vão desde o domicílio ao hospital e com intervenções desde a prevenção à cura e à recuperação de um grau de independência que (re) permita à pessoa viver com o mais elevado nível de bem-estar.”²

De entre as alterações mais significativas que determinam a necessidade de uma nova visão para a saúde destaca-se: o decréscimo significativo da população do grupo etário dos 0 aos 14 anos, o crescimento da população de 65 e mais anos que nos últimos 16 anos foi de 34,6%, a duplicação da população com 85 e mais anos e o declínio nas taxas de nascimento, situação que se traduz no aumento do índice de envelhecimento e do índice de dependência que é actualmente de 26 idosos por cada 100 jovens e que se prevê que em 2020 seja de 40/100. Indicadores também significativos, na caracterização do estado de saúde da população portuguesa, são o aumento da esperança de vida ao nascer e a diminuição da mortalidade infantil, mortalidade materna e perinatal e a taxa de pessoas com 65 e mais anos que vive sozinho e que actualmente é de 10 em cada 100 homens e 26 por cada 100 mulheres. Existem no entanto dados³ que apontam para a existência ainda de uma mortalidade evitável passível de ser alterada com intervenções sensíveis aos cuidados de enfermagem.

Neste enquadramento são apontados como eixos prioritários de acção⁴ o estudo, prevenção e tratamento das doenças não transmissíveis, com prioridade para a saúde mental, as doenças cardiovasculares, o cancro, os problemas relacionados com os acidentes de viação e de trabalho e as doenças respiratórias, a prevenção das toxicodependências, o HIV/SIDA, os problemas relacionados com o envelhecimento, com exclusão social e as desigualdades em saúde. Os enfermeiros tomam como objecto de estudo e foco de atenção profissional a promoção dos projectos de saúde que cada pessoa vive e persegue e a promoção dos processos de readaptação das respostas humanas às diferentes transições visando a máxima independência nas actividades de vida diária. São por isso um grupo profissional determinante na implementação do plano nacional de saúde.

A elevada complexidade que caracteriza os problemas de saúde tem feito revelar as limitações da análise dos problemas num ambiente unidisciplinar e reforçado a ideia de que a análise multidisciplinar enriquece a qualidade das soluções e melhora a qualidade dos cuidados de saúde⁵.

Este cenário faz crer que são necessários não apenas mais enfermeiros mas também mais enfermeiros especialistas, ao mesmo tempo que desafia a comunidade académica a desenvolver a investigação de modo a sistematizar os saberes disciplinares.

1 OCDE (2006) – Revisões das políticas nacionais para a educação: ensino terciário em Portugal. (s.n). Relatório dos observadores apresentado a 13 de Dezembro em Lisboa no Centro Cultural de Belém.

2 Ordem do Enfermeiros (2008) – Plano Estratégico do Ensino de Enfermagem 2008-2012

3 Cuidados de saúde primários em Portugal. Reformar para novos sucessos, 2008

4 Plano Nacional de Saúde

5 Abel Paiva e Silva (2003)



- Nas alterações demográficas já referidas que apontam para uma diminuição da população jovem, em Portugal, da ordem dos 100 000 ou 20% até 2020. No número do grupo etário dos 15 aos 24 anos prevê-se uma diminuição de 150.000 jovens até 2010 e que o número dos jovens entre os 15 e os 29 anos desça até 2020 em 500000⁶, o que trará garantidamente repercussões no ensino superior.

- No défice de enfermeiros generalistas e na necessidade de formar especialistas em Enfermagem. Esta situação já tinha sido caracterizada no Plano Estratégico para a formação nas áreas da Saúde pelo Grupo de Missão, em 2001 e, apesar do grande aumento do número de licenciados nos últimos 10 anos continua a ser uma realidade face aos critérios europeus, sistematicamente reafirmada pela Ordem dos Enfermeiros. Na Europa as estatísticas também revelam a falta generalizada de enfermeiros nos principais países. Em Portugal, tal como reconhecido pelo Ministério da Saúde, para que se alcance o rácio médio da EU (5,9 enfermeiros/1000 habitantes) faltam cerca de 20000 profissionais. Aliás, nos últimos anos, Portugal tornou-se um país de acolhimento de profissionais estrangeiros, principalmente espanhóis, situação que tem sido, no entanto, ultimamente “mascarada” mercê das medidas de contenção financeira implementadas no serviço nacional de saúde.

A meta calculada para Portugal continental em 2010 é de 517,3 enfermeiros por 1000 000 habitantes⁷. O melhor rácio na União Europeia em 2004 correspondia à Irlanda e era de 1500 enfermeiros por 100 000 habitantes⁸. Em Portugal em 2006, existiam 472,3 enfermeiros por 100 000 habitantes. Relativamente aos especialistas o seu número é muito reduzido. Portugal apresenta um rácio de 4,6/1000 habitantes, estando abaixo deste valor a Grécia, México, Coreia e Turquia. O valor médio dos países da OCDE é de 8,9 enfermeiros por 1000 habitantes⁹.

- Nos dados do Fórum Económico Mundial, que apontam para que na próxima década o recrutamento de pessoas para o trabalho, particularmente o trabalho técnico, científico e intelectual, será feito à escala mundial o que implica que o multilinguismo e a alta qualificação sejam condições diferenciadoras na obtenção de emprego;

Tendo em conta os indicadores anteriores a Escola tem apostado:

- Na formação de enfermeiros, enfermeiros especialistas, e no desenvolvimento da sua formação ao longo da vida, dando atenção ao desenvolvimento de competências linguísticas dos estudantes e essencialmente ao envolvimento dos estudantes em projectos na comunidade que articulem formação/inovação e investigação, que lhes permitam desenvolver competências diferenciadas;
- Na investigação

Para além do contexto geral descrito que representa um desafio às nossas capacidades de resposta às necessidades sociais e futuras, no que diz respeito ao ensino superior, vive-se actualmente uma fase de mudança do ponto de vista estrutural (Regulamento Jurídico das Instituições do Ensino Superior) e de dificuldades conjunturais (diminuição do financiamento) que também desafiam as capacidades da escola de modo a transformar ambas em oportunidades de desenvolvimento.

6 OCDE (2006) – Revisões das políticas nacionais para a educação: ensino terciário em Portugal. (s.n). Relatório dos observadores apresentado a 13 de Dezembro em Lisboa no Centro Cultural de Belém

7 INE, 2007

8 OCDE, Health data, 2006

9 OECD (2007) Health Data; Statistics. www.oecd.org/document and indicators for 30 countries.

Comissão de Elaboração do Plano Estratégico

No início do ano de 2008, iniciou-se um trabalho de reflexão e discussão no sentido de elaborar um Plano Estratégico para a Escola a implementar entre 2009 e 2013.

Este processo desencadeou-se por iniciativa do Conselho Directivo e foi assessorado pelo Professor Doutor Joan Cortadellas, Director Técnico da Cátedra UNESCO de Direcção Universitária, da Universidade Politécnica da Catalunha.

Desde o princípio, houve a intenção de envolver neste processo um número alargado de elementos da comunidade escolar, constituindo-se uma Comissão de Planificação composta por vinte e nove elementos, dos quais, vinte docentes, dois estudantes, quatro não docentes e três representantes da comunidade. Estes representantes da comunidade foram convidados tendo em conta as suas funções no âmbito da profissão e o ensino superior, nomeadamente, na direcção dos Órgãos Sociais, regionais, da Ordem dos Enfermeiros, como Chief Nursing Officer, Direcção-Geral da Saúde e como Professor Universitário com trabalho anterior já desenvolvido na escola, perito em avaliação e com experiência de governação em Educação. Em Dezembro de 2006, a proposta de Comissão de Planificação foi apresentada e validada com a comunidade educativa, tendo-se criado a possibilidade de fazerem parte da comissão, para além dos elementos propostos pela direcção, docentes e não docentes que tivessem interesse em integrá-la. O desafio foi aceite por uma docente e por um não docente. Foi definida uma Comissão de Redacção, composta por quatro docentes, incluindo os vice-presidentes do Conselho Directivo e dois Adjuntos da Direcção.

COMISSÃO DE PLANIFICAÇÃO

Aida Maria Cruz Mendes [Professora], André Filipe Gonçalves Patrício [Estudante], António Manuel Marques Ferreira de Oliveira [Representante da Comunidade], Arménio Guardado Cruz [Professor], Carlos Joaquim Magro Diogo [Professor], Cristina Maria Figueira Veríssimo [Professora], Domingos Manuel Barros Fernandes, [Representante da Comunidade], Fernando Manuel Dias Henriques, [Professor], Irma da Silva Brito [Professora], Isabel Margarida Marques Monteiro Dias Mendes [Professora], João Manuel Patrício Afonso Gomes [Funcionário não docente], João Nuno Cruz Costa de Oliveira [Funcionário não docente], João Rogério Valença Vieira [Professor], Jorge Manuel Amado Apóstolo [Professor], José Carlos Pereira dos Santos [Professor], José Reis dos Santos Roxo [Professor], Manuel Alves Rodrigues [Professor], Manuel Gonçalves Henriques Gameiro [Professor], Maria da Conceição Pinto Madanelo Roxo [Professora], Maria da Conceição Saraiva da Silva Costa Bento [Professora], Maria Isabel Simões Silva [Funcionária não docente], Maria Luísa de Lemos Pinto Coelho [Professora], Maria Manuela Frederico Ferreira [Professora], Maria Margarida Carreto Louro Madeira [Professora], Maria Vitória Pereira de Almeida [Professora], Paula Maria Diogo Carvalho Pires do Nascimento [Funcionária não docente], Rogério Manuel Clemente Rodrigues [Professor], Sérgio David Lourenço Gomes [Representante da Comunidade], Sónia Alexandrina Caetano dos Santos [Estudante]

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Fernando Manuel Dias Henriques [Professor], José Carlos Pereira dos Santos [Professor], José Reis dos Santos Roxo [Professor], Maria Luísa de Lemos Pinto Coelho [Professora]

CONSULTOR

Joan Cortadellas, Director da Cátedra UNESCO de Direcção Universitária da Universidade Politécnica da Catalunha



Intervenientes

Com o objectivo de garantir a participação alargada de toda a comunidade educativa na fase 4, de definição, por eixo estratégico, dos objectivos e acções a desenvolver, todos os docentes, não docentes e estudantes que quisessem participar neste trabalho. Para isso foram abertas inscrições no seio de toda a comunidade educativa. Nas sessões debate, divididas por eixos estratégicas, estiveram presentes 177 elementos.

ELEMENTOS QUE PARTICIPARAM NOS GRUPOS DE TRABALHO

FORMAÇÃO

Alberto José Barata Gonçalves, Amorim Gabriel Santos Rosa, Ana Maria Poço dos Santos, Ana-Bela de Jesus Roldão Caetano, Anabela de Sousa Salgueiro, António Jesus Couto, António Manuel Ferreira Marques de Oliveira, Carlos Manuel Santos Ferreira, Clarinda Maria dos Prazeres Ferreira da Silva da Rocha Cruzeiro, Dionísia da Costa Loreto, Elvira Maria Martins dos Santos, Ermelinda Homem de Sousa e Salema de Andrade, Fátima Martins Lúzio Ferreira, Henrique José Mendes Nunes, João José Sousa Franco, João Rogério Valença Vieira, José Herminio Gonçalves Gomes, Júlia Maria das Neves Carvalho, Maria Arminda Gomes, Maria Clara Amado Apóstolo Ventura, Maria da Conceição Gonçalves Marques Alegre de Sá, Maria da Nazaré Ribeiro Cerejo, Maria Vitória Pereira Almeida, Marília da Conceição da Silva Loureiro Simões, Natércia Jacinta Jesus Carvalho Jegundo Cunha, Regina Maria Fernandes de Jesus Ponte Ferreira Amado, Rosa Maria Correia Jerónimo Pedroso, Sérgio David Lourenço Gomes, Sónia Alexandrina Caetano dos Santos, Teresa Maria de Campos Silva, Vítor Manuel da Costa Cardoso

INVESTIGAÇÃO

Águeda da Assunção Gonçalves Marques, Aida Maria de Oliveira Cruz Mendes, Ana Paula Forte Camarneiro, Ana Paula Teixeira de Almeida Vieira Monteiro, Ananda Maria Fernandes, Beatriz de Oliveira Xavier, Carlo Bruno da Encarnação Santos, Carlos Alberto Marques Silva, Domingos Manuel Barros Fernandes, Helena Maria Almeida Macedo Loureiro, João Luís Alves Apóstolo, Jorge Manuel Amado Apóstolo, José Carlos Amado Martins, José Carlos Pereira dos Santos, Manuel Alves Rodrigues, Manuel Gonçalves Henriques Gameiro, Maria da Graça de Campos Oliveira, Maria de Lurdes Lopes de Freitas Lomba, Maria do Carmo Mestre Carrageta, Maria Helena Santos Quaresma, Maria Helena Saraiva dos Santos Pereira, Maria Luísa da Silva Brito, Maria Luísa de Lemos Pinto Coelho, Maria Teresa Calvário Antunes, Maria Teresa de Oliveira Soares Tanqueiro, Marília Maria Andrade Marques da Conceição Neves, Paula Maria Lopes de Oliveira Vidigueira, Paulo Joaquim Pina Queirós, Pedro Miguel Santos Dinis Parreira, Rosa Maria Santos Moreira Galhardo

COMUNIDADE ESCOLAR

Águeda da Assunção Gonçalves Marques, Anabela de Sousa Salgueiro Oliveira, André Filipe Gonçalves Patrício, Beatriz da Conceição Miranda Tavares, Carlo Bruno da Encarnação Santos, Dina Maria de Almeida Marques, Domingos Manuel Barros Fernandes, Isabel Margarida Marques Monteiro D. Mendes, Isabel Maria Pinheiro Borges Moreira, Joana Alice da Silva Amaro de Oliveira Fabião, João Luís Alves Apóstolo, João Manuel Lucas Costa, Luís Miguel Nunes de Oliveira, Margarida Alexandra Nunes Carramanho Gomes Martins, Maria da Conceição Saraiva da Silva Costa Bento, Maria do Carmo Martins Fernandes, Maria do Céu Ferreira Margalho, Maria José Rocha Paulos, Maria Neto Cruz Leitão, Maria Teresa de Oliveira Soares Tanqueiro, Marília Maria Andrade M. da Conceição Neves, Marina Montezuma Carvalho Mendes Vaquinhas, Paula Maria Diogo Carvalho Pires do Nascimento, Paulo Alexandre Carvalho Ferreira, Paulo Joaquim Pina Queirós, Rosa Cândida de Carvalho Pereira de Melo, Rosa Maria Correia Jerónimo Pedroso, Sónia Maria de Matos Figueira

DIRECÇÃO, GESTÃO DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO

Águeda da Assunção Gonçalves Marques, Alfredo da Cruz Lourenço, Amorim Gabriel Santos Rosa, Ana Maria Poço Santos, Ana Paula Forte Camarneiro, António de Jesus Couto, Carlo Bruno da Encarnação Santos, Carlos Alberto Marques Silva, Carlos Manuel dos Santos Ferreira, Clarinda Maria dos Prazeres F. S. da Rocha Cruzeiro, Dionísia da Costa Loreto, Domingos Manuel Barros Fernandes, João José de Sousa Franco, João Nuno Cruz Costa de Oliveira, João Rogério Valença Vieira, Jorge Manuel Amado Apóstolo, José Carlos Amado Martins, José Carlos Pereira dos Santos, Maria Arminda Gomes, Maria Clara Amado Apóstolo Ventura, Maria da Conceição Gonçalves Marques Alegre de Sá, Maria da Conceição Saraiva da Silva Costa Bento, Maria Isabel Simões da Silva, Maria Manuela Frederico Ferreira, Natércia Jacinta Jesus Carvalho Jegundo Cunha, Paula Maria Diogo C. P. do Nascimento, Pedro Miguel Santos Dinis Parreira, Teresa Maria Campos Silva

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE

Amélia Filomena de Oliveira Mendes Castilho, Ana-Bela de Jesus Roldão Caetano, Anabela de Sousa Salgueiro Oliveira, António José Pinto Morais, António Manuel Ferreira Marques de Oliveira, António Manuel Martins Lopes Fernandes, Armando Manuel Marques Silva, Cândida Rosalinda Exposto da Costa Loureiro, Carlos Alberto Cruz de Oliveira, Cristina Maria Figueira Veríssimo, Elisabete Pinheiro Alves Mendes Fonseca, Fernando Manuel Dias Henriques, Irma da Silva Brito, Isabel Maria Henriques Simões, Isabel Maria Pinheiro Borges Moreira, Joana Alice da Silva Amaro de Oliveira Fabião, João Manuel Afonso Gomes, Júlia Maria das Neves Carvalho, Luís António Rodrigues Paiva, Margarida Alexandra N. C. G. M. Moreira da Silva, Maria da Alegria Gonçalves Simões, Maria da Graça de Campos Oliveira, Maria Helena Santos Quaresma, Maria Luísa da Silva Brito, Maria Margarida Carreto Louro Madeira, Marina Montezuma Carvalho M. Vaquinhas, Paula Margarida Ferreira Fernandes, Paulo Alexandre Carvalho Ferreira, Rosa Cândida de Carvalho Pereira de Melo, Rosa Maria Santos Moreira Galhardo, Rui Carlos Negrão Batista, Sérgio David Lourenço Gomes

INTERNACIONALIZAÇÃO E COOPERAÇÃO

Aida Maria de Oliveira Cruz Mendes, Alfredo da Cruz Lourenço, Amélia Filomena de Oliveira Mendes Castilho, Ana Maria Correia Albuquerque Queiroz, Ana Paula Teixeira de Almeida Vieira Monteiro, António José Pinto de Morais, António Manuel Ferreira Marques de Oliveira, Arménio Guardado Cruz, Beatriz de Oliveira Xavier, Carlos Alberto Marques da Silva, Edimar Márcio Pires Cardoso, Helena Maria Almeida Macedo Loureiro, Isabel Maria Henriques Simões, João Manuel Garcia do Nascimento Graveto, José Carlos Amado Martins, José Reis dos Santos Roxo, Maria da Conceição Pinto Madanelo dos Santos Roxo, Maria de Lurdes Lopes de Freitas Lomba, Maria Luísa da Silva Brito, Maria Luísa de Lemos Pinto Coelho, Maria Teresa Calvário Antunes, Maria Vitória Pereira de Almeida, Paula Maria Lopes de Oliveira Vidigueira, Pedro Miguel Santos Dinis Parreira, Rogério Manuel Clemente Rodrigues, Rosa Maria Santos Moreira Galhardo, Rui Carlos Negrão Batista, Sérgio David Lourenço Gomes



Estudo Estratégico

MODELO DE PLANEAMENTO ESTRATÉGICO

METODOLOGIA

A metodologia baseada no Modelo e Excelência da European Foundation for Quality Management, foi a adoptada em função do âmbito e horizonte temporal (2009-2013) e por ser a que se entendeu oferecer mais segurança para um planeamento global, isto é, que envolve-se a totalidade das actividades da Escola.

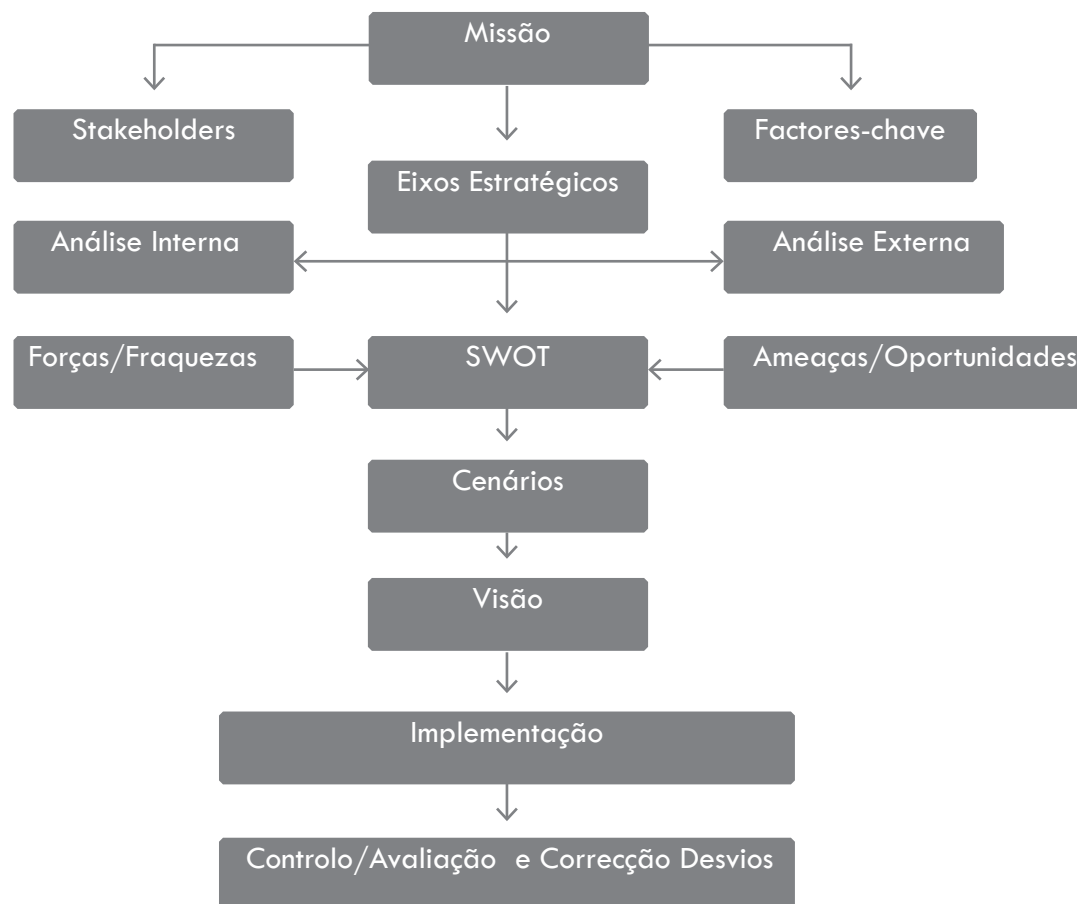
O desenho estratégico iniciou-se pelo estudo estratégico, que teve como objectivo a análise da envolvente externa e interna. Nesta fase procurou-se reflectir sobre a organização ao nível dos seus recursos, capacidades e competências, por forma a definir a missão, e do meio onde está inserida, perspectivando a evolução do meio por forma a antecipar ameaças e oportunidades para a ESEnfC.

Utilizaram-se como ferramentas a análise de stakeholders, a análise swot e a análise pest.

De seguida desenvolveu-se a formulação estratégica. Definiu-se a missão, visão e valores corporativos, eixos estratégicos, objectivos estratégicos e operacionais por eixo, coerentes com a missão e visão estratégica definida, as metas e respectivos indicadores e as acções consideradas estratégicas para as atingir, que foram calendarizadas e afectadas a responsáveis.

Os trabalhos seguiram um calendário, considerando seis momentos, que decorreram durante cerca de catorze dias de trabalho, de Janeiro a Outubro de 2008, centrados em actividades distintas:

1. Formação, sensibilização e informação (sessões dirigidas pelo professor Joan Cortadellas);
2. Redefinição da Missão, Análise SWOT, Valores e Eixos Estratégicos (Comissão de Planificação);
3. Visão, Objectivos, Análise dos Factores Críticos e Ambiente Externo (Comissão de Planificação);
4. Definição por Eixos Estratégicos dos Objectivos e Acções a desenvolver (grupos de trabalho orga-



nizados na Comissão de Planificação e mesas de trabalho alargadas aos elementos da comunidade escolar que nelas se inscreveram);

5. Operacionalização do plano: Elaboração dos quadros orientadores por eixo, contendo objectivos estratégicos, objectivos operativos, acções, responsáveis por cada eixo e por cada acção, indicadores de resultado, metas, calendário, recursos e formas de avaliação (Comissão de Planificação);

6. Validação do Plano e avaliação da implementação do mesmo (Comissão de Planificação).

A filosofia que sustentou o desenvolvimento de todo o projecto de elaboração do Plano Estratégico 2009-2013 – Desenhar o Futuro com Todos –, baseou-se na assunção de dez compromissos: o de máxima participação possível de todos; o compromisso prévio dos Órgãos de Gestão e responsáveis das Unidades Orgânicas da Escola de envolvimento efectivo na sua concepção e implementação; o compromisso de elaboração de um plano concretizável, com acções, indicadores, metas e recursos definidos para um cronograma e calendário de médio prazo; o compromisso de garantir a comunicação interna e externa do plano, a existência de confiança partilhada no valor do Plano Estratégico como “preditor do futuro” e, ainda, o compromisso de dar continuidade às decisões tomadas, em sede de planificação estratégica, em planos sectoriais e institucionais anuais, pressupondo controle, monitorização e avaliação da sua implementação.

ANÁLISE EXTERNA

Para a análise da envolvente da organização, na procura de identificar sinais de mudança que possam constituir-se no futuro como ameaças ou oportunidades recorreu-se à análise “PEST”, isto é, dos factores críticos políticos, económicos, sociais e tecnológicos.

Procurou-se analisar a situação actual e prospectiva de mudanças com possibilidades de impactos positivos e ou negativos do desenvolvimento futuro da nossa instituição, enquanto instituição de ensino superior pública na área de enfermagem, com vista a equacionar cenários possíveis para a evolução da envolvente externa. Uma enumeração dos aspectos considerados pelo grupo mais relevantes é apresentada a seguir.

1. FACTORES POLÍTICOS

- Política de ensino superior cada vez mais exigente, propondo rácios de qualificação do corpo docente para o funcionamento dos cursos e de complementaridade do orçamento do estado por receitas próprias;
- Alterações nas políticas de saúde (com ampliação e diversificação da oferta de cuidados de saúde – agrupamentos de centros de saúde, unidades de saúde familiar, rede de cuidados continuados, etc.);
- Privatização de serviços de saúde;
- Reforço dos “Cartéis” na área da Saúde (Económicos e Profissionais);
- Controle Externo das Instituições e seus Agentes;
- Precarização dos vínculos laborais;
- Incentivo à mobilidade Internacional dos Formandos;
- Racionalização da rede de Ensino Superior com potencial redução do número de Instituições de Formação e particularmente de enfermagem;

2. ASPECTOS ECONÓMICOS

- Menor financiamento estatal ao ensino superior, reflexo da crise económica global;



- Alargamento do espaço europeu, com possível canalização de fundos europeus para os novos países;
- Globalização (facilita a mobilidade dos diplomados, fragiliza o controlo da qualidade na prestação de serviço de enfermagem, facilita a internacionalização);
- Tendência à privatização dos serviços de saúde (alterações no regime de trabalho; introdução de sistema de recompensas; precariedade no emprego; competição pelo emprego e pelos melhores diplomados);
- Alterações na taxa de emprego;
- Aumento do número de anos de actividade profissional (com concomitantes necessidades de formação ao longo da vida).

3. ASPECTOS SOCIAIS

- Alterações demográficas (decréscimo geral da natalidade, aumento da esperança média de vida, aumento da população idosa, dependente e que vive sozinha, existência de novos estilos de vida e aumento das doenças crónicas e de evolução prolongada)
- Recursos Sociais (desregulação; mais necessidades; mais respostas; (-) Falta de redes de apoio, falência dos serviços de segurança social)
- Falência do modelo social europeu;
- Aumento da procura de Melhor Turismo Saúde em Portugal;
- Pobreza (diminuição do poder de compra; aumento do endividamento das famílias; aumento da exclusão social; aumento dos problemas de saúde e vulnerabilidade à doença);
- Individualismo (menos solidariedade);
- Alterações na estrutura familiar (desestruturação; mais dificuldade de apoio aos idosos; novas necessidades de apoio para a aprendizagem e desenvolvimento dos papéis parentais e das competências de autocuidado);
- Empregabilidade (flexibilidade; sazonalidade de alguns empregos; polivalência; emergência de novas profissões; pressão para substituir cuidados de enfermagem por cuidados informais prestados por pessoas não qualificadas)
- Mobilidade geográfica e social (aumento da imigração e interculturalidade; relevância do prestígio social na escolha da instituição/curso);
- Recursos de Saúde (menor equidade no acesso a cuidados de saúde; maior co-morbilidade (HIV, diabetes, tuberculose,...); assimetrias regionais).

4. ASPECTOS TECNOLÓGICOS

- Tecnologias na Formação em Enfermagem
 - O cenário possível mas mais improvável seria aquele em que as tecnologias substituíssem os docentes/as pessoas, no entanto há que ter atenção à má utilização da Net/ausência de visão crítica por referees;
 - Desenvolvimento de produtos que permitam aprender por simulação (técnicas relacionais; técnicas instrumentais; experimentar papéis; Empatia - pôr-se no lugar do outro)
- Desenvolvimento de Tecnologias Interactivas – Software de apoio educativo (Utilização das Plataformas (E-learning) para facilitar a formação ao longo da vida)
- Desenvolvimento de tecnologias dimensão Cuidado de Enfermagem (menos provável)
 - Com reflexo na Conceção (não haver investimento de tecnologias a incorporar nos cuidados de enfermagem);
 - Com foco na utilização (tentativa de substituição da relação interpessoal como cuidado, por meios tecnológicos);
 - Investimento em Investigação e inovação tecnológicos aplicada aos cuidados;

- Potencialização da tecnologia para incrementar a relação interpessoal como cuidado;
- Uso generalizado pelos Enfermeiros das tecnologias disponíveis.
- Utilização das tecnologias já disponíveis (mais provável)
- Uso generalizado da Internet na procura de conteúdos de saúde e respostas para problemas de saúde (estudantes e cidadãos em geral);
- Disponibilização e consumo de informação sobre saúde frequentemente sem avaliação conveniente (cidadãos);
- Maior uso e maior disponibilidade de meios tecnológicos adequados à formação;
- Uso da comunicação multicanal como recurso nos cuidados de saúde diminuindo os problemas de acesso aos cuidados e promovendo a ajuda na gestão da terapêutica e dos cuidados a pessoas que vivem sozinhas;
- Aumento da utilização do e-learning.

ANÁLISE SWOT

Para a análise swot (pontos fortes, pontos fracos, ameaças e oportunidades) utilizámos o questionário de autoavaliação desenvolvido de acordo com o modelo europeu de qualidade total EFQM (European Foundation for Quality Management). Procurou-se, assim, interrogar o estado da arte da nossa instituição do ponto de vista da estrutura, dos processos e dos resultados. Analisaram-se os pontos fortes e pontos fracos relativos à política e estratégia, às pessoas, aos recursos e alianças, à liderança, aos processos e aos resultados. A análise dos resultados foi dirigida aos resultados nas pessoas, nos clientes, a sociedades e resultados globais. Na identificação de ameaças e oportunidades teve-se como referência a análise de factores externos já referida. Este trabalho decorreu envolvendo um vasto número de membros da comunidade educativa, tendo sido feita em duas fases (análise feita pela comissão de planificação e análise feita pela comunidade educativa, liderada por elementos da comissão de auto-avaliação designada no âmbito da avaliação internacional pela EUA) que decorreram em momentos próximos. Assim, a comissão de auto-avaliação dinamizou reuniões sectoriais, tendo sido efectuadas seis reuniões com docentes, duas com não docentes e duas com estudantes. Estiveram envolvidos 79 docentes (de todas as categorias), 29 não docentes (de todos os sectores) e 17 estudantes (incluindo representantes de órgãos). Paralelamente, o grupo da Comissão de Planificação também desenvolveu em conjunto o seu processo de auto-avaliação e análise swot. No conjunto estiveram envolvidos 99 docentes, 32 não docentes e 19 estudantes. Apresentamos a seguir uma síntese dos aspectos mais relevantes resultantes do cruzamento dos dois processos. Esta identificação teve como objectivos que, enquanto comunidade educativa, tenhamos presentes, no desenho de futuro, os pontos fortes em que nos devemos apoiar, os pontos fracos que devemos superar, as oportunidades que devemos aproveitar e as ameaças que temos que converter em oportunidades de desenvolvimento.

PONTOS FORTES

- Instalações, recursos e localização
- Qualificação dos colaboradores
- Plano Estratégico existente e em desenvolvimento
- Processos de liderança e organização interna
- Envolvimento e motivação das pessoas nas tarefas críticas e projectos inovadores
- Representatividade dos estudantes nos órgãos de gestão
- Reconhecimento institucional nacional e internacional
- Oferta formativa e taxas de sucesso
- Produção e divulgação científica
- Existência de um Conselho Para a Qualidade e Avaliação e processos de auto-avaliação
- Parcerias estabelecidas com diferentes instituições e estratégias direccionadas para a comunidade



- Crescimento sustentado da mobilidade nacional e internacional
- Eficiência na gestão de recursos
- Apoio forte na formação, investigação e internacionalização
- Capacidade de mudança
- Estudantes como centro das decisões na busca da melhoria contínua

PONTOS FRACOS

- Incipiente desenvolvimento da cultura organizacional
- Deficientes circuitos de comunicação/informação interna
- Insuficiente definição de indicadores de resultados
- Insuficiente definição de critérios para a formação avançada dos docentes
- Excessiva dispersão e volume de actividades
- Gestão de processos centralizadora e burocrática
- Baixa variabilidade etária dos docentes e desequilíbrio de categorias
- Desfasamento entre a liderança de topo e as intermédias
- Deficiente monitorização dos processos
- Fraca intervenção política das pessoas da organização

OPORTUNIDADES

- Alterações legislativas no Ensino Superior
- Transformação no Ensino Universitário
- Localização geográfica da Escola
- Avaliação da qualidade (EUA)
- Novas tecnologias
- Âmbito de novos projectos formativos
- Alterações no contexto da saúde (decorrentes das alterações demográficas, como o aumento dos índices de envelhecimento e de dependência; alterações no padrão de doenças ligadas ao estilo de vida, etc.) e dos serviços de saúde
- Reconhecimento externo
- Procura de parcerias com a Escola
- Quadro de Referência Estratégico Nacional

AMEAÇAS

- Alterações legislativas (Ensino Superior; Serviço e Sistemas de Saúde)
- Alterações socioeconómicas (alterações demográficas, com possível impacto na diminuição da procura do ensino superior; diminuição da procura de enfermeiros pelas instituições que prestam cuidados de saúde, alterações na universalidade do acesso aos cuidados de saúde)
- Alteração das políticas na educação e saúde
- Concorrência institucional (Aumento de oferta de formação na mesma área, competição pelos contextos para o ensino clínico)
- Redução da Empregabilidade e da procura
- Emergência de novas profissões
- Restrições económicas em geral, com repercussões no financiamento do Estado ao ensino superior e na captação de receitas próprias

Agentes implicados (Stakeholders)

A identificação dos stakeholders envolvidos no processo de construção quotidiana da ESEnC e, particularmente, de todos os interessados na sua existência, permanência e pertinência, são fundamentais para a definição do plano estratégico. O sucesso de uma organização e, portanto também da nossa escola dependerá, em qualquer caso, da satisfação de todos os que têm interesse nela, da participação de todos e /ou de se terem em conta as suas expectativas, por isso, para além de estarem representados na comissão de planificação os diferentes actores internos, procurou-se ter também a visão dos stakeholders externos com a integração de individualidades de diferentes grupos. Cada interveniente ou grupo, quer interno, quer externo, tem interesses e expectativas que influenciam a dinâmica e os resultados da Escola. Esta preocupação visou que o plano estratégico fosse pensado não apenas para os stakeholders mas com a perspectiva de todos.

Os agentes implicados, identificados pela comissão, como tendo muito interesse no e para o desenvolvimento da actividade da ESEnC, embora possam ter diferente capacidade de a influenciar, foram: os docentes e não docentes, os estudantes, as instituições de saúde, o Ministério da Saúde e Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, a Ordem dos Enfermeiros, os cidadãos utilizadores do Serviço Nacional de Saúde, as Associações de Utentes, as Instituições de Ensino Secundário e as Famílias.

Apresenta-se a seguir o resultado do exercício de identificação das possíveis expectativas de cada grupo relativamente à Escola.

Docentes e Não Docentes

Projecto de Escola mais claro, consistente, sólido,

Condições de ensino e de investigação;

Reconhecimento e respeito pelo seu trabalho;

Oportunidades de desenvolvimento/formação;

Ser ouvidos, sentir que as suas ideias/opiniões são tidas em consideração;

Órgãos de gestão administrativa, pedagógica e científica que sejam sensíveis às suas necessidades e às funções que exercem;

Espírito de cooperação, de colaboração e solidariedade entre pares;

“Ambiente” de rigor nos domínios do ensino, da aprendizagem e da investigação.

Estudantes

Formação de elevada qualidade orientada para as realidades do mercado de trabalho;

Boa articulação da Escola com as Instituições de Saúde;

Professores altamente qualificados dos pontos de vista científico e pedagógico;

Professores acessíveis e disponíveis;

Boas condições de aprendizagem (acesso à biblioteca, laboratórios, computadores);

Bom atendimento e apoio por parte do pessoal não docente.

Instituições de Saúde

Preparação de enfermeiros de elevada qualidade que respondam aos objectivos da instituição;

Que a Escola seja um motor de investigação, desenvolvimento e inovação no domínio de enfermagem;

Que a Escola seja um pólo de formação contínua oferecendo aos seus profissionais formações de curta duração que responda às necessidades reais da Instituição;



Projectos e parcerias com vista à melhoria de qualidade de cuidados;
Participação mais activa dos docentes, nos momentos de ensino e aprendizagem em ensino clínico;
Participação activa em sessões de educação para a saúde em parceria com Instituições de Saúde Comunitária;
Uma boa articulação, no domínio dos ensinos clínicos, para uma melhor gestão de recursos;
Relação de proximidade com as instituições/serviços.

Ministério da Saúde e Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

- Ministério da Saúde

Preparação de enfermeiros que respondam em termos de qualidade às necessidades e exigências dos utilizadores do SNS;
Que os novos enfermeiros se integrem no mercado de trabalho e respondam com criatividade e profissionalismo às necessidades dos utilizadores.

- Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

Uma formação de qualidade que permita o desenvolvimento global do estudante com os mínimos recursos;
Formar o maior número de enfermeiros;
Desenvolvimento de investigação aplicada.

Ordem dos Enfermeiros e Associações Profissionais

Formação de Enfermeiros empenhados no desenvolvimento da profissão;
Formação de enfermeiros tendo em consideração as necessidades da Comunidade;
Desenvolvimento de investigação que consolide a disciplina.

Utilizadores do SNS/Associações de utentes

Cuidados de qualidade;
Que os enfermeiros influenciem as organizações nas prestações de cuidados para uma melhoria dos mesmos;
Que os enfermeiros se envolvam na defesa dos direitos dos utentes

Instituições de Ensino Secundário

Estabelecimento de parcerias para a implementação de projectos no âmbito da educação para a saúde e saúde escolar;
Divulgação de informação sobre oferta formativa e condições de acesso.

Famílias

Qualidade da formação global, ao mais baixo custo, que garanta a empregabilidade.

Plano estratégico da ESEnfC

MISSÃO

Definir a missão de uma organização é dizer qual a razão de ser dessa instituição, o que implica responder às questões: quem somos; a que é que nos dedicamos, em que é que nos diferenciámos, porque é e para que é que fazemos o que fazemos; para quem o fazemos; como o fazemos, que valores respeitamos. Na definição da missão da ESEnfC procuramos responder às perguntas enunciadas. Mas, que quisemos também que fosse uma fórmula mobilizadora, ambiciosa, clara, sensível (para que todos a compreendam), curta e partilhada por todos os elementos da organização (Cortadellas, 2006). No trabalho desenvolvido partiu-se da análise crítica da missão definida anteriormente, do actual estado da arte e da reflexão da escola que temos e queremos ser para responder aos desafios futuros, de modo a ajustarmos a nossa missão. Chegámos ao enunciado de missão que a seguir se apresenta, que obteve grande consenso na comunidade educativa.

A Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, herdeira da mais antiga formação em enfermagem em Portugal, é uma instituição pública de referência nacional e internacional, pela sua qualidade e inovação, com intervenção reconhecida no sistema de saúde e na comunidade. É constituída por uma comunidade escolar comprometida com a formação humanista, científica, técnica e cultural de profissionais socialmente reconhecidos; com a promoção de investigação acreditada, a difusão de conhecimentos e a prestação de serviços.

VALORES

O enunciado dos valores de uma organização visa a adopção de uma cultura transversal, porque partilhada, capaz de potenciar a intervenção de cada um no dia a dia, por forma a que, em conjunto, atinjamos os desígnios de longo prazo definidos no âmbito de um plano estratégico ambicioso (Caldeira, 2008). Os valores foram enunciados, discutidos e definidos, no sentido de clarificar os princípios que irão permitir a concretização da missão dando-lhe identidade no contexto da instituição de ensino superior que somos foram os seguintes:

Humanismo. A Escola fundamenta a sua acção no respeito pela dignidade do ser humano e pela liberdade de pensamento, responsabilizando todos os intervenientes no processo educativo e fomentando a valorização, a criatividade e a solidariedade na construção de uma instituição aprendente.

Cidadania. A Escola, além da formação profissional, visa a formação global de cidadãos segundo os princípios da solidariedade, democraticidade e participação.

Liberdade. A Escola promove a liberdade de criação cultural, científica, técnica e artística, garantido a livre expressão e a pluralidade de ideias e opiniões.

Excelência. A Escola desenvolve formação, investigação, inovação e serviços fundamentados em critérios de alto nível de qualidade.



Cooperação. A Escola fundamenta as suas políticas nas necessidades sociais globais promovendo a acção solidária e a inclusão em estreita ligação com a comunidade.

Ética. A Escola garante, na sua acção, o respeito pelas normas deontológicas da profissão e da investigação e pelos direitos individuais e sociais.

Eixos estratégicos

Os eixos estratégicos reconhecidos como factores críticos de desenvolvimento foram definidos tendo em conta a missão e a visão da ESEnC. Foram considerados seis eixos: Formação; Investigação, Desenvolvimento e Inovação; Comunidade Educativa; Direcção, Gestão, Desenvolvimento e Consolidação; Prestação de Cuidados à Comunidade; Internacionalização e Cooperação. Para cada um foi elaborada a visão para 2013. Posteriormente foram definidos coordenadores por eixo que, conjuntamente com a comissão de redacção, contratualizaram a concretização das acções, datas e orçamentos, para a execução do plano de desenvolvimento aprovado com cada um dos responsáveis pela implementação das acções. Aos coordenadores de cada eixo caberá o acompanhamento da implementação do plano no que ao respectivo eixo diz respeito.

Eixo 1 – FORMAÇÃO

[VISÃO PARA 2013] A Escola é uma referência nacional e internacional no desenvolvimento e afirmação da disciplina de Enfermagem. Realiza a formação em parceria com instituições de saúde e de ensino superior nacionais e internacionais de referência, orientada para as novas necessidades socio-demográficas, as exigências do mercado global de trabalho e a formação ao longo da vida, sendo primeira na atracção de estudantes para os três ciclos de formação em enfermagem.

Coordenador – Presidente do Conselho Científico



Objectivo estratégico 1. Promover um contexto formativo, científico e culturalmente estimulante

Objectivos operativos	Ações	Responsável	Indicadores	Metas	Planeamento	Observ
1.1 Capacitar os colaboradores docentes com qualificações e competências necessárias à formação, investigação e prestação de serviços (relacionadas com as novas necessidades socio-demográficas e exigências do mercado) e para a formação ao longo da vida.	1.1.1. Organizar actividades de formação pedagógica de docentes (cursos, colóquios, conferências...) para adequação dos cursos à filosofia de Bolonha, reorganizando o trabalho docente	António Couto	Nº de actividades Nº de participantes Grau de satisfação dos participantes	2 por ano Média de 50 por actividades 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2009-2013	1 conf estrangeiro
	1.1.2. Criar um curso de formação pedagógica para docentes e enfermeiros tutores de ensino clínico	Carlos Ferreira	Criação de Curso anual de Pós-graduação Nº de participantes Grau de satisfação dos participantes	Abertura do 1º curso em 2010 30 por curso 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	1010-2013	100 horas prelector externo
	1.1.3. Implementar momentos de partilha com docentes, enfermeiros e outros profissionais de saúde (debates, seminários estudos de caso...) sobre metodologias em contextos de ensino clínico	Luísa P Coelho	Nº de actividades Nº de participantes Grau de satisfação dos participantes	Abertura do 1º curso em 2010 30 por curso 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2009-2013	
	1.1.4 Promover e facilitar a formação avançada ao nível de Doutoramento	Presidência	Nº de docentes com o grau de doutor	Aumentar 20% em cada ano	2009-2013	Estimativa de 15 ETI/ano
1.2 Incorporar na formação o novo conhecimento decorrente do contexto clínico e da investigação.	1.2.1. Organizar actividades para seleccionar os conteúdos que devem ser incorporados em cada Unidade Curricular e ano de formação.	Manuel Gameiro	Workshops por UCP e equipas disciplinares Elaboração de novos textos de apoio ou protocolos técnicos ou aprovação de programas inovadores	2 por ano 1 por ano	2010-2013	
	1.2.2. Formar grupos de trabalho para articular as práticas laboratoriais com as instituições de saúde para partilhar novos procedimentos e facilitar a implementação de novas práticas	António Amaral	Nº de grupos de trabalho em funcionamento Grau de utilidade e de impacto Investigação dos resultados	7 em 2009 80% de novos procedimentos com alto grau de utilidade e de impacto; 2 publicações científicas em 2013	2009-2013	Grau de impacto avaliado por grupos Delphi
1.3 Melhorar a gestão da formação revendo sistematicamente a adequação da oferta formativa para dar resposta às necessidades.	1.3.1. Criar e desenvolver um observatório com a finalidade de auscultação de novas necessidades da qual irá emergir oferta formativa	Isabel Moreira e Rosa Cristina	Criação do Observatório; Nº de propostas formativas apresentadas	Criação em 2009 1 por ano a partir de 2010	2009-2013	
	1.3.2. Criar e desenvolver uma comissão permanente para implementar nova formação pós-graduada, quando adequado em parceria com outras instituições nacionais ou estrangeiras.	Clarinda Cruzeiro	Criação da comissão permanente; Nº de cursos pós-graduados implementados Nº de participantes Grau de satisfação dos participantes	Criação no 1º trimestre de 2009 2 cursos em 2013 30 por curso 80% consideram a actividade Boa ou Muito BOA	2009-2013	Não prevemos orçamento pois estes cursos devem ser totalmente auto-financiados.
	1.3.3. Criar e desenvolver um gabinete de gestão Científico Pedagógica dos ensinos clínicos.	Isabel Fernandes e António Morais	Criação do gabinete; Criação de plano; % de docentes com ligação definida aos serviços para um mínimo de cinco anos	1º trimestre de 2009 1º trimestre de 2009 60% em 1010 e 90% em 2013	2009-2013	
	1.3.4. Criar e desenvolver uma comissão responsável pelas práticas laboratoriais que inclua os vários domínios	Teresa Tanqueiro	Criação da comissão; Elaboração do regulamento de funcionamento dos Laboratórios; Grau de satisfação dos utilizadores	Criação em Janeiro de 2009; Elaboração no 1º Trimestre; 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2009-2013	
	1.3.5. Desenvolver uma plataforma que facilite a formação em ambiente e-learning	João Franco	Criação da plataforma; Grau de utilização;	Criação em 2009 50% dos docentes usam a plataforma em 2013 60% dos estudantes usam a plataforma em 2013	2009-2013	
	1.3.6. Criar um portal de enfermagem.	Irma Brito	Criação do Portal; Grau de satisfação dos utilizadores	Criação em 2010; 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa;	2010-2013	Um técnico a tempo parcial



Objectivo estratégico 2. Dinamizar a proximidade com as instituições de saúde e ensino superior nacionais e internacionais

Objectivos operativos	Ações	Responsável	Indicadores	Metas	Planeamento	Observ
2.1 Assegurar a efectividade de redes de comunicação e articulação com instituições de saúde, de ensino superior e outras.	2.1.1 Aproveitar os dias nacionais e internacionais relacionados com a saúde e a enfermagem para organizar actividades temáticas	Vitória Almeida	Nº de actividades Nº de participantes Grau de satisfação dos participantes	8 por ano Média de 50 por actividades 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2009-2013	Prevê-se alocar receita para pontual conferencista e divulgação de informação
	2.1.2 Realizar reuniões institucionais com a Ordem dos Enfermeiros e outras instituições representativas da classe profissional.	Presidente do Conselho Técnico-Científico	Nº de reuniões Nº de grupos de trabalho com representantes da ESEnC	1 por ano no mínimo com 3 Instituições; Participação em 2 grupos de trabalho por ano	2009-2013	
2.2 Desenvolver formações em parceria com instituições nacionais e internacionais.	2.2.1. Oferecer o terceiro ciclo em conjunto com outras escolas de referência	Aida Mendes	Nº de Protocolos assinados com Instituições Internacionais Plano de estudos aprovado Início do Curso	2 em 2009 Dezembro de 1010 2011	2009-2013	Prevê-se alocar receita para deslocações no âmbito do planeamento
	2.2.2. Desenvolver um projecto de formação no âmbito do Enfermeiro de Família numa perspectiva internacional.	Marília Simões	Existência do projecto Curso de pós-graduação e mestrado Nº de participantes por curso Grau de satisfação dos participantes Nº de focos de enfermagem analisados Nº de artigos/comunicação	2009 Início em 2010 e 1 por ano; 30 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa 3 por ano 2 de artigos/comunicações ano	2009-2013	Prevê-se alocar receita para deslocações no âmbito do planeamento

Eixo 2 – INVESTIGAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO

[VISÃO PARA 2013] A Escola é uma referência de excelência na produção, difusão e transferência de conhecimentos e na formação de investigadores. Contribui para o desenvolvimento de práticas inovadoras baseadas no conhecimento produzido. É reconhecida nacional e internacionalmente por articular sistematicamente a investigação, a formação e as práticas no domínio da enfermagem.

Coordenador – Coordenador Científico da Unidade de Investigação



Objectivo estratégico 1. Desenvolver a Unidade de Investigação como líder de redes de produção, divulgação e aplicação do conhecimento em enfermagem

Objectivos operativos	Ações	Responsável	Indicadores	Metas	Planeamento	Observ
1.1 Garantir as condições de funcionamento da Unidade de Investigação	1.1.1 Regularizar o acesso da UI ao staff técnico de apoio da Escola (tradução, informática, candidatura, gestão de projectos e contabilidade).	José Carlos Santos	Existência de um Regulamento de acesso da UI ao Staff técnico de apoio	Março de 2009 Rever o Regulamento em 2013	2009-2013	
	1.1.2 Desenvolver projectos de investigação em colaboração com instituições nacionais e internacionais	João Graveto	Nº de novos protocolos Nº de investigadores em colaboração Nº de projectos % de projectos com investigadores da prática clínica	Estabelecimento de três novos protocolos, com instituições referentes à Lista de Centros Colaboradores da OMS para o desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem em 2013; Aumento de 20% em 2013; Aumento de 20% em que pelo menos 2 sejam cofinanciados. 50% dos projectos com investigadores da prática clínica	2009-2013	Pressupõe-se que o orçamento da UI seja composto pelo somatório dos financiamentos: 1 - FCT; 2 - Receitas de projectos de Inv. financiados; 3 - 20% das receitas do ponto anterior (2), a suportar por transferência de receita própria da ESEnfC.
	1.1.3 Elaboração de Plano de Actividades e Propostas de Orçamento, para aprovação da Instituição de Acolhimento.	Coordenador da UI – Manuel Rodrigues	Plano de actividades e orçamento	Em Junho e anual	2009-2013	
	1.1.4 Elaborar um plano a 5 anos de flexibilização da distribuição das actividades lectivas para a consecução de projectos de investigação, que contemple um regulamento onde constem: acções/metas/indicadores/critérios a cumprir pelo(s) investigador(es) que usufruam da mesma, e a regulamentação de candidatura a licenças temporárias para dedicação aos projectos.	Jorge Apóstolo	Existência e aprovação do Plano Revisão anual % de docentes com flexibilização para trabalho em projectos de investigação	Em Junho de 2009 Junho de cada ano a partir de 2010 30%	2009-2013	Estimativa de 3ETI/ano disponíveis para investigação
	1.1.5 Elaborar (e monitorizar) uma proposta de regulamento de critérios para apoiar a divulgação da produção científica.	Paulo Queirós	Aprovação de regulamento Relatório anual de acompanhamento Nº de artigos científicos originais Nº de artigos científicos em Revistas Indexadas Nº de comunicações científicas	Em Janeiro de 2009; Em Junho de cada ano. 3 artigos por docente/investigador por ano 1 artigos por docente/investigador por ano 3 comunicações por docente/investigador por ano	2009-2013	
1.2 Apoiar a mobilidade de investigadores	1.2.1. Definir critérios prioritários e monitorização para apoiar a mobilidade de investigadores e o acolhimento de investigadores estrangeiros, em consonância com a UI.	José Carlos Santos	Aprovação de regulamento Relatório anual de acompanhamento	Em Março de 2009; Em Junho de cada ano.	2009-2013	
	1.2.2. Criar parcerias na comunidade para o financiamento de projectos e bolsas de investigação.	"a contratar"	Nº de parcerias Valor de financiamento	Média de 1 por ano Média de 20000€ por ano	2009-2013	Tempo parcial de um técnico
1.3 Apoiar a divulgação de conhecimento	1.3.1. Manter a publicação da Revista Referência e à sua progressão ao nível dos índices de qualidade (SciELO, Pubmed e Cochrane).	Manuel Rodrigues	Nº de edições por ano Nº de critérios de qualidade definidos pelos índices internacionais Aumentar o factor de impacto	4 Suficientes para ser incluído nos índices SciELO/Pub MED/Cochrane 20% anualmente	2009-2013	
	1.3.2 Criar, gerir e divulgar bases de dados de artigos científicos, instrumentos de medida e contactos com investigadores.	Teresa Calvário	Número de acessos à base de dados dos artigos científicos; Disponibilidade de base de dados de instrumentos de medida;	Aumento 20% anualmente Existência em Dezembro de 2009.	2009-2013	



Objectivo estratégico 2. Desenvolver uma comunidade científica de excelência

Objectivos operativos	Ações	Responsável	Indicadores	Metas	Planeamento	Observ
2.1. Promover a formação de jovens investigadores.	2.1.1. Integrar a investigação elaborada por estudantes nas linhas de investigação do orientador, com o reconhecimento do mérito para a sua integração em grupos de investigação da Escola.	Coordenadores das linhas de investigação	Existência de documento aprovado com tipificação dos requisitos de estudos produzidos nos diferentes níveis de formação; Critério de inclusão dos estudantes nas equipas de investigação com impacto no currículo académico; Nº de estudantes incluídos em equipas de investigação	Janeiro de 2009 Média anual de 12	2009-2013	
	2.1.2. Elaborar proposta de regulamento para o recrutamento de estudantes dotados e vocacionados para desenvolver trabalho de apoio à investigação.	Paulo Queirós	Aprovação de regulamento	Março de 2009	2009	
2.2. Promover a formação de grupos de investigadores avançados	2.2.1. Organizar conferências na Escola proferidas por investigadores a convite da Escola.	Dulce Galvão	Nº de actividades Nº de participantes Grau de satisfação dos participantes	2 por ano Média de 50 por actividade 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2009-2013	Prevê-se alocar receita para pagamento a conferencistas
	2.2.2. Desenvolver e criar protocolos para promover a formação avançada de investigadores.	José Carlos Santos	Protocolos aprovados Nº de investigadores com formação pós-doc	2 até final de 2013 30% dos doutores em 2013	2009-2013	
	2.2.3. Criar um grupo de trabalho de análise sistemática de literatura sobre temas críticos, para validar e implementar novo conhecimento	João Apóstolo	Nº de artigos elaborados	2 por ano entre 2010 e 2013	2010-2013	
	2.2.4. Organizar fóruns de discussão (ações de curta e média duração e workshops temáticos).	Ananda Fernandes	Nº de seminários de mestrados e doutorandos Nº de Workshops Nº de inscritos	2 por ano 2 por ano média de 30 por actividade	2009-2013	
	2.2.5 Organizar congressos e jornadas nacionais e internacionais.	José Roxo	Nº de Congressos e Jornadas Nº de inscritos Nº de comunicações apresentadas Nº de países representados Grau de satisfação dos participantes	1 por ano Média de 300 Média de 40 Média de 4 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2009-2013	Pressupõe-se o autofinanciamento complementado com financiamento da ESEnC excepcional.

Eixo 3 – COMUNIDADE EDUCATIVA

[VISÃO PARA 2013] Os profissionais formados pela Escola são reconhecidos socialmente pela excelência da sua formação global para a qual contribui uma cultura institucional que se caracteriza pela centralidade na pessoa, respeito pela sua criatividade, inovação, compromisso com o projecto da Escola, satisfação com o trabalho e estudo e pela articulação sistemática em todos os domínios da formação, inovação e investigação.

Coordenador – Vice-presidente da ESEnC, José Rôxo

Objectivo estratégico 1. Promover a formação global e a realização pessoal e profissional da comunidade educativa

Objectivos operativos	Ações	Responsável	Indicadores	Metas	Planeamento	Observ
1. 1. Promover, apoiar e incentivar projectos e actividades de índole cultural, desportiva e cívica	1.1.1. Criar e desenvolver uma estrutura que promova a realização de actividades no domínio da cultura, do desporto, saúde e bem estar, envolvendo colaboradores dos diferentes sectores/unidades nos projectos e incentivando a participação de todos.	António Amaral	Actividades do grupo de teatro Actividades do grupo de coro Nº de funcionários na actividade de ginástica Nº de funcionários inscritos na nataçao Aprovação do projecto de semana cultural Nº de participantes na semana cultural	2 por ano 2 por ano 20 20 Janeiro de cada ano 50% da comunidade educativa	2009-2013	Ensaio, nataçao e semana cultural suportados por receita própria da ESEnC
1.2. Promover a realização pessoal e profissional dos docentes, não docentes e estudantes	1.2.1. Ampliar o gabinete de saúde dotando-o de valências que possam responder a outras necessidades da comunidade educativa, como por exemplo criar um gabinete de psicologia, saúde ocupacional e um gabinete de apoio socio-económico.	Clara Apóstolo e Teresa Silva	Aprovação do projecto de ampliação do gabinete de saúde Grau de satisfação dos utentes	Março de 2009 80% consideram o serviço Bom ou Muito Bom	2009-2013	Prevê-se orçamento para mais um técnico a tempo parcial
	1.2.2. Elaborar e apoiar em cada serviço/unidade, um plano plurianual de formação e desenvolvimento para os colaboradores, após caracterização das necessidades de desenvolvimento profissional, ouvindo os diferentes actores, e que contemple actividades não incluídas no eixo de formação e investigação.	Lurdes Almeida Dina Marques	Participação/ano Grau de satisfação dos participantes	Média de 1 participação por ano e por colaborador 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2009-2013	Prevêem-se 25000€ para formação do corpo docente e 10000€ para o não docente
	1.2.3. Estudar a implementação de medidas de flexibilidade de horário ou de trabalho à distância para alguns postos de trabalho.	Alcina Rodrigues	Realização de estudo	Janeiro 2010	2010-2013	
1.3 Promover uma cultura sistemática de participação na vida da Escola	1.3.1. Desenvolver num Plano opções extra curriculares de formação e participação comunitária.	Conceição Alegre Maria do Céu Carrageta Margarida Madeira	Dezembro de 2008 Anualmente (Julho)	Dezembro de 2008 Anualmente (Julho)	2009-2013	
	1.3.2. Definir o regulamento e calendarização de reuniões periódicas dos estudantes representantes das turmas com os coordenadores de curso.	Teresa Tanqueiro	Março de 2009 Final de cada ano lectivo	Março de 2009 Final de cada ano lectivo	2009-2013	



Eixo 4 – DIRECÇÃO, GESTÃO, DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO

[VISÃO PARA 2013] A Escola é uma referência no ensino superior a nível dos processos de gestão, desenvolvimento, consolidação e parcerias. Destaca-se pelo alto nível de participação na tomada de decisões centrada na auto-responsabilidade, pela organização sustentada dos seus processos e pela visibilidade na comunidade.

Coordenador – Presidência



Objectivo estratégico 1. Desenvolver um sistema de direcção estratégica que optimize os recursos e mobilize a instituição

Objectivos operativos	Ações	Responsável	Indicadores	Metas	Planeamento	Observ
1.1.Promover a implementação contínua do plano estratégico	1.1.1. Criar um sistema de controlo da execução do Plano Estratégico e divulgar os principais resultados.	Presidente do Conselho para a Qualidade e Avaliação	Nº de relatórios anuais de execução do Plano; Nº de ações avaliadas com indicadores; Grau de execução anual do plano	1 por ano 50% em 2009 - 100% em 2013 80% em 2013	2009-2013	
	1.1.2 Introduzir a contabilidade analítica reformulando a estrutura dos centros de custos e identificando os custos por actividade, de modo a garantir um sistema de informação como suporte à tomada de decisão.	Fernando Henriques	Número de novos Centros de custos com informação disponível anual; Número de actividades com indicadores de custo; Graus de satisfação dos responsáveis pelos órgãos da ESEnC no sistema de informação existente resultante da contabilidade analítica	Incorporação de 25% em cada ano entre 2010 e 2013 Incorporação de 25% em cada ano entre 2010 e 2013 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2010-2013	Estimativa de custo inicial de aplicação de 30.000€ acrescido de mais um funcionário com custo anual de 20.000€
1.2.Implementar um modelo organizacional que integre os recursos da instituição numa perspectiva conjunta de melhoria da gestão financeira, administrativa, científica e pedagógica	1.2.1. Elaborar e implementar o organograma da instituição de acordo com os novos estatutos.	Maria da Conceição Bento	Existência de Organograma de acordo com os novos estatutos; Revisão anual do Organograma	2009 Junho de cada ano a partir de 2010	2009-2013	
	1.2.2. Definir e difundir as competências dos coordenadores/responsáveis, a forma de prestação de contas para a implementação de uma gestão matricial entre projectos, unidades e serviços, e a forma de reconhecimento de resultados.	Jorge Apóstolo	Aprovação de um sistema de competências dos coordenadores/responsáveis. Revisão anual do sistema de competências	2009 Junho de cada ano a partir de 2010	2009-2013	
	1.2.3. Produzir um manual de procedimentos que devem ser consolidados, desenvolvidos e melhorados.	Cândida Rosalinda	Existência de um manual de procedimentos Grau de satisfação do pessoal docente e não docente com as orientações do manual	2009 80% consideram o Manual Bom ou Muito Bom	2009-2013	
	1.2.4. Implementar um sistema de qualidade total que inclua a auto-avaliação periódica por área científico-pedagógica ou área funcional, que permita preparar a candidatura da Escola a um modelo de excelência, e a comparabilidade com outras Instituições do ensino superior.	Manuela Frederico	Auto-avaliação das UCP Avaliação externa Ter aplicado o sistema de qualidade	Julho de cada ano com resultado claramente superior ao ano anterior De duas UCP cada ano 2013	2009-2013	Prevê-se a candidatura a financiamento para a implementação do sistema de qualidade. Alocação de receitas próprias avaliação externa
1.3. Implementar um sistema de gestão otimizada e integrada das instalações, recursos materiais e equipamentos.	1.3.1. Desenvolver um sistema informático integrado de gestão que permita a optimização da utilização dos recursos e equipamentos.	Fernando Henriques	Disponibilidade de sistema informático integrado Grau de satisfação com a plataforma informática	2009 80% consideram a plataforma Boa ou Muito Boa	2009-2013	
	1.3.2. Promover a racionalização e optimização dos consumos e estudar a possibilidade da utilização das energias renováveis.	Fernando Henriques	Existência de estudo para redução dos consumos e para produção de energia.	2009	2009-2013	Previsão de custo de estudo técnico
	1.3.3.Planejar a continuação da renovação da residência dos estudantes de modo a mantê-la atractiva e reconverter parte das suas instalações em laboratórios de práticas clínicas onde se prestem serviços abertos à comunidade, biblioteca ou outras finalidades.	Alberto Barata	Aprofundamento de estudo de reconversão da residência para a prática clínica e biblioteca % de área da Residência renovada	2009 80% em 2013	2009-2013	
	1.3.4. Impulsionar um estudo sobre o uso futuro dos edifícios da Escola para responder melhor às necessidades dos novos cenários.	Presidente do Conselho Pedagógico	Existência do estudo	2013	2013	



Objectivo Estratégico 2. Implementar um sistema de gestão de pessoas que as coloque no centro da decisão

Objectivos operativos	Ações	Responsável	Indicadores	Metas	Planeamento	Observ
2.1. Garantir um sistema de organização de trabalho que permita a evolução técnica e científica das pessoas e que possibilite um processo eficiente e efectivo de selecção, integração, desenvolvimento e avaliação.	2.1.1. Implementar a organização prevista nos estatutos, enquadrando as pessoas por área e serviços com que mais se identifiquem permitindo a mobilidade interna do pessoal docente e não docente com vista a articular conhecimento, trabalho e satisfação.	Presidente da Escola	Proposta de reorganização de pessoas Grau de satisfação com a organização	2011 80% consideram a organização Boa ou Muito Boa em 2013	2011-2013	
	2.1.2. Elaborar proposta de sistema de distribuição do trabalho docente baseado na contratualização dos processos e dos resultados a propor à Direcção	Presidente do Conselho Técnico-Científico	Existência do sistema % de implementação Grau de satisfação com a organização	2010 Implementação gradual: 25% em cada ano entre 2010 e 2013 80% consideram a organização Boa ou Muito Boa em 2013	2010-2013	
	2.1.3. Rever o sistema de selecção de integração e de avaliação das pessoas da Escola	Presidência				
2.2. Implementar metodologias que permitam uma comunicação eficaz e participação activa.	2.2.1. Re(ver) os canais de informação e comunicação e propor medidas para que sejam acessíveis, assíduos e pertinentes e analisar a sua eficácia de modo a aperfeiçoar a comunicação interna.	Arménio Cruz; Técnico de Comunicação	Revisão dos canais de informação e comunicação; % das pessoas satisfeitas com o sistema de comunicação interna	2009 80% consideram o sistema Bom ou Muito Bom a partir de 2010	2009-2013	

Eixo 5 – PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE

[VISÃO PARA 2013] A Escola desenvolve serviços de consultadoria e de inovação em enfermagem para responder às necessidades resultantes das alterações sociais, aplicar evidências científicas e facilitar processos de formação, investigação e empreendedorismo, em articulação e complementaridade com outras instituições.

Coordenador – Vice-presidente da ESEnC, Fernando Henriques



Objectivo Estratégico 1. Desenvolver e consolidar serviços que promovam respostas inovadoras em saúde

Objectivos operativos	Ações	Responsável	Indicadores	Metas	Planeamento	Observ
1.1. Organizar, apoiar e otimizar a prestação de serviços à Comunidade.	1.1.1. Organizar e desenvolver a prestação de serviços, com projectos de intervenção tendo em conta os recursos disponíveis em contexto escolar e em grupos comunitários.	Enf. Reabilitação – Manuel Mariz; Enf. S. Materna O. – Joana Fabião; Enf. S. Infantil – Providência Marinho; Enf. Idoso – Rogério Rodrigues; Enf. M. Cirúrgica – José Carlos Martins; Enf. Fundamentos – Anabela Salgueiro; Enf. Comun. – Cristina Veríssimo; Enf. Saúde Mental – Carlos Melo	Nº de projectos de intervenção Utentes envolvidos por projecto Grau de satisfação dos utentes envolvidos	Incrementar 2 projectos em cada ano a partir de 2009 Número de utentes mínimo de 80% da previsão realizada para cada projecto 80% consideram o projecto Bom ou Muito Bom	2009-2013	Prevêem-se 30000€ para incrementar projectos. Admite-se que alguns destes projectos possam ter outras fontes de financiamento
	1.1.2. Melhorar a organização e a optimização dos projectos de serviços à comunidade em articulação com a UI Elaborar um Plano global da prestação de serviços para melhorar a organização e a optimização dos projectos de serviços à comunidade (articulando com a UI)	Paulo Alexandre Administrador (a contratar) Carlos Oliveira Dionísia Loreto	Relatório anual para sensibilizar a comunidade para a importância da prestação de serviços Nº de publicações com base nos novos projectos de intervenção Plano global da prestação de serviços % de orçamento dos projectos suportados por receitas de projectos Nº de novos projectos concretizados em parceria	Março de cada ano a partir de 2010 1 publicação em 2009 e 2 nos anos seguintes Existência e actualização anual do plano 50% em 2013 Incremento de 1 projecto por ano	2010-2013	
1.2. Apoiar a qualificação de toda a comunidade educativa para a prestação de serviços	1.2.1. Desenvolver um plano de formação e actualização no âmbito da consultadoria e dos projectos de intervenção.	Amélia Castilho	Nº de actividades Nº de participantes Grau de satisfação dos participantes Guia orientador de boas práticas	1 por ano Média de 15 por actividades 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa Elaborada em 2009 e actualizada anualmente	2009-2013	
	1.2.2. Realizar encontros ou reuniões para partilha de conhecimentos entre áreas e para transferência de conhecimento científico para projectos inovadores.	Manuel Mariz	Nº de actividades Nº de participantes Grau de satisfação dos participantes	2 por ano Média de 15 por actividades 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2009-2013	
1.3. Apoiar os diplomados na inserção no mercado de trabalho e no empreendedorismo	1.3.1. Desenvolver o serviço de apoio aos novos graduados, e avaliar o processo de inserção laboral.	Luís Oliveira	% de novos graduados apoiados Grau de satisfação dos novos graduados apoiados	50% em 2010 e 80% em 2013 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2009-2013	Um funcionário a tempo parcial
	1.3.2. Criar e desenvolver uma incubadora de empresas.	Pedro Parreira	Criação da incubadora Nº de graduados implicados nas empresas incubadas	2010 20 em 2013	2010-2013	
1.4. Integrar os projectos de serviço à comunidade na formação académica e no desenvolvimento cívico da comunidade educativa	1.4.1. Articular o Currículo com os projectos que se estão a desenvolver para incentivar a participação dos estudantes.	Dionísia Loreto	Existência de regulamento	2009	2009-2013	
	1.4.2. Criar e desenvolver um banco de tempo para trabalho voluntário à comunidade.	Isabel Marques	Existência do Banco de tempo	2010	2010-2013	



Eixo 6 – INTERNACIONALIZAÇÃO E COOPERAÇÃO

[VISÃO PARA 2013] A Escola é reconhecida e procurada a nível internacional pela qualificação do corpo docente, da sua formação graduada e pós-graduada e investigação em enfermagem. Promove a mobilidade científica, técnica e cultural de docentes, não docentes e estudantes e o desenvolvimento de formação e investigação em rede com instituições congéneres.

Coordenador – Membro do Conselho de Gestão, José Carlos Santos

Objectivo estratégico 1. Promover o reconhecimento internacional da Escola

Objectivos operativos	Ações	Responsável	Indicadores	Metas	Planeamento	Observ
1.1 Pertencer a organismos internacionais	1.1.1 Desenvolver os requisitos para inscrever a Escola como centro colaborador da OMS.	Ana Albuquerque	Inscrição da Escola como Centro Colaborador da OMS Nº de requisitos preenchidos para adesão à OMS	2013 Incrementar em 25% em cada ano a partir de 2010	2009-2013	Prevê-se a alocação de 5000€ para deslocações
	1.1.2 Desenvolver os requisitos para inscrever a Escola como um capítulo da Sigma Theta Tau.	Aida Mendes	Inscrição da Escola como Centro Colaborador da OMS Nº de requisitos preenchidos para adesão à OMS	2013 Incrementar em 25% em cada ano a partir de 2010 60% dos docentes inscritos em 2012	2009-2013	Prevê-se a alocação de 5000€ para deslocações
1.2 Promover a visibilidade da Escola mediante os projectos internacionais	1.1.1 Identificar as áreas geográficas prioritárias de intervenção da Escola na Europa.	José Carlos Santos	Proposta aprovada de países/instituições prioritárias para a celebração de parcerias	3 em 2010	2010-2013	
	1.2.2.Promover cursos de curta duração na área de enfermagem, leccionados em inglês por docentes internos e trazer docentes externos.	Lurdes Lomba	Nº de Cursos/unidades curriculares leccionados em Inglês. Nº de inscritos Grau de satisfação	1 por ano a partir de 2010 Média de 20 por curso 80% consideram a actividade Boa ou Muito Boa	2010-2013	Deslocação de um docente externo anual uma semana
	1.2.3.Promover a inclusão de artigos em línguas científicas mais relevantes (inglês, espanhol) na revista da Escola.	Manuel Rodrigues	Nº de artigos publicados em Inglês e Espanhol	2 artigos por revista a partir de 2011	2011-2013	Alocação de verbas para a revisão de artigos



Objectivo estratégico 2. Desenvolver redes e projectos de cooperação

Objectivos operativos	Ações	Responsável	Indicadores	Metas	Planeamento	Observ
2.1. Desenvolver redes com instituições congéneres	2.1.1. Fazer o levantamento das instituições congéneres, e executar os protocolos estabelecidos.	Luísa Pinto Coelho	Levantamento das Instituições congéneres Nº de protocolos em funcionamento	2009 Todos os protocolos em funcionamento em 2013	2009-2013	
	2.1.2. Promover a criação da Associação das Escolas de Enfermagem dos Países de Língua Oficial Portuguesa para facilitar as permutas e parcerias.	José Roxo	Criação da Associação das Escolas de Enfermagem dos Países de Língua Oficial Portuguesa Nº de países representados na Associação	2010 5 em 2013	2009-2013	Alocação de 2000€ para reuniões preparatórias e para organização
2.2. Incrementar projectos de cooperação e estabelecer novos protocolos	2.2.1. Avaliar e desenvolver os protocolos existentes e a possibilidade de novos protocolos, estando atento aos projectos europeus.	Luísa Pinto Coelho Luísa Brito Teresa Calvário	Realização da avaliação dos protocolos existentes Propostas de novos protocolos Nº de projectos em parceria com instituições nacionais e internacionais visando as práticas clínicas Nº de Instituições parceiras para a mobilidade Nº de Unidades Curriculares partilhadas	2009 2009 Incrementar 1 novo projecto por ano	2009-2013	Alocação de 10000€ para deslocações com vista à assinatura de novos protocolos
2.3. Apoiar missões nos países de língua oficial portuguesa	2.3.1. Criar grupos de missão para dar resposta em áreas consideradas prioritárias, que englobe docentes, estudantes e não docentes.	José Roxo	Nº de grupos de missão	2 grupos em 2013	2009-2013	Prevê-se a alocação de 30000€ adicionais ao financiamento obtido por outras fontes
2.4. Facilitar a mobilidade científica, técnica e cultural de estudantes, docentes e não docentes	2.4.1. Realizar cursos intensivos de português para estudantes, docentes e não docentes estrangeiros e em mobilidade.	Cidalina Abreu	Nº de cursos Nº de participantes % de Aproveitamento Grau de satisfação	1 por ano 10 por curso 80% 80% consideram o curso Boa ou Muito Boa	2009-2013	Estimativa de 30 horas por ano
	2.4.2. Desenvolver com outras instituições programas de formação complementar para estudantes, docentes e não docentes estrangeiros.	Helena Brísio	Nº de programas Nº de participantes Grau de satisfação	1 por ano a partir de 2010 10 por programa 80% consideram o programa Bom ou Muito Bom	2010-2013	
	2.4.3. Continuar a organizar cursos de línguas estrangeiras	Marina Montezuma	% de docentes % de estudantes % pessoal não docente Grau de satisfação	50% uma formação/ano 25% uma formação/ano 20% uma formação/ano 80% consideram a formação Boa ou Muito Boa	2009-2013	Estimativa de 6X30 horas pessoal e 5X30 horas alunos



Implementação

Tão importante como conceber o plano estratégico é garantir a sua implementação.

O plano é um documento de suporte à gestão, como tal importa que seja dinâmico, que motive as pessoas, que seja integrador e mobilizador dos talentos de todos na concretização dos objectivos e actividades. Procurámos em sede de plano definir já as acções a desenvolver em 2009, que também integrámos no plano de actividades, fazendo a alocação dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento das acções em 2009. Definimos responsáveis pelas acções e negociámos com cada um as metas para cada ano.

Existe a consciência colectiva de que é indispensável fazer com que os objectivos estratégicos definidos neste plano sejam efectivamente atingidos. Por isso, planeámos a monitorização sistemática da implementação, não só pelos responsáveis por cada acção, mas também pelo Conselho para a Qualidade e Avaliação que terá a cargo o controlo de execução do plano e que com recurso ao sistema de indicadores, de resultados e de metas produzido, produzirá relatórios que permitirão à comunidade educativa, em cada momento, avaliar resultados, rever e ou reformular a estratégia.

Um plano é uma ferramenta dinâmica e em constante evolução, devendo pois, em cada momento, ser considerada a evolução do contexto, identificados novos desafios e/ou novas tácticas, nunca perdendo de vista a visão definida, que deve orientar a estratégia a médio/longo prazo.

A realização deste Plano Estratégico resultou num compromisso colectivo com o desenho que em conjunto fizemos da nossa Escola para 2013. A sua implementação conta, por isso, também com todos nós para o materializar.

www.esenfc.pt

ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE COIMBRA

Rua 5 de Outubro e Avenida Bissaya Barreto

Apartado 55

3001-901 Coimbra, Portugal

Tel.: (+351) 239 487 200

Fax: (+351) 239 483 378

E-mail: esenfc@esenfc.pt